

Poesia Grega de Hesíodo a Teócrito

Texto grego estabelecido e traduzido

por

FREDERICO LOURENÇO

δ

QUETZAL

Calímaco

À semelhança de outras figuras literárias do século III a.C., Calímaco (nascido em Cirene, na atual Líbia, colónia grega fundada no século VIII a.C.) gravitou em torno da corte dos Ptolemeus em Alexandria e grande parte da sua atividade foi desenvolvida na biblioteca da cidade fundada por Alexandre, onde se distinguiu como autor do próprio catálogo (em nada menos do que 120 volumes) e como autor de tratados em prosa sobre vários temas (ninfas, ventos, aves, etc.), sendo o tratado cujo título se nos afigura mais sugestivo *Sobre as Fundações das Ilhas e das Cidades e sobre as suas Mudanças de Nome*.

O interesse deste tratado (hoje perdido) é o facto de estabelecer um elo com a poesia que Calímaco produziu, pois o fascínio por factos recônditos nas áreas da geografia, da história e do folclore constitui uma das características mais evidentes da obra poética que até nós chegou. Testemunho disto é o próprio título da obra de que o fr. 1 terá sido o prólogo: os *Aitia* (em grego, *Αἴτια*), palavra que reúne os sentidos de «origens» e «causas».

No seu estado completo, os *Aitia* eram um poema elegíaco em quatro livros, com uma estrutura quase dialética, dado que Calímaco se imagina transportado em sonho para o Hélicon, onde participa numa sessão de perguntas e respostas com as próprias Musas. Grande parte do poema, ao que parece, teria sido constituído pelas respostas das Musas às interrogações do poeta.

O leitor da poesia grega não pode deixar de ver aqui uma alusão a Hesíodo e ao encontro com as Musas no Hélicon por ele relatado

(ver p. 21). A intenção de Hesíodo foi a de assegurar aos seus ouvintes que tudo o que lhe saía da boca era pura verdade, por obra e graça das próprias Musas, que lhe concederam esse dom. Calímaco também quer fazer do seu texto uma proclamação de supremacia poética relativamente a outros cultores das Musas; contudo, o vocabulário da crítica poética evoluiu, do século VII ao século III a.C., pelo que os termos «verdade» e «mentira», usados por Hesíodo, já não serão arvorados, por Calímaco, em bitola para a aferição da qualidade poética. O que contará agora é «gordura» e «magreza», sendo a segunda a qualidade mais almejada pelos poetas helenísticos e seus seguidores romanos, que traduzirão por *lepidus* e por *tenuis* o adjetivo estético-literário *leptós* (λεπτός) favorecido por Calímaco.

O adjetivo grego *leptós* é polissémico, pois ao mesmo tempo que significa «fino» por oposição a «grosso», é igualmente usado na poesia grega com o sentido de «subtil» e «requintado». Curiosamente, o adjetivo *leptós* fora já utilizado por Aristófanes como termo literário em *Rãs* (vv. 828, 876), mas para denegrir a poesia de Eurípides. Passará, todavia, a partir da aceção usada por Calímaco no Epigrama 27 e no prólogo dos *Aitia*, a termo elogioso.

Além dos *Aitia*, houve outras obras poéticas que celebrizaram Calímaco e lhe trouxeram numerosas gerações de leitores, tanto em ambiente grego como romano. Nos seus requintadíssimos epigramas, encontramos um leque diversificado de temas, desde os tradicionais motivos fúnebres e eróticos (que já vêm da tradição anterior) a temas de índole literária, como é o caso do Epigrama 28 (que mistura, de resto, o motivo literário com o erótico). A recusa do «poema cíclico» — que designa, ao que parece, uma imitação pobre de Homero — é vista em termos elitistas e como estando no mesmo plano da recusa do poeta em se relacionar com um namorado promíscuo. Mais tarde, em Roma, Horácio lembrar-se-á da expressão de Calímaco «abomino todas as coisas populares» ao escrever *Odi profanum uulgius* (Odes 3.1).

Entre os seus poemas mais experimentais, temos de contar os hinos, que foram objeto de transmissão manuscrita durante o período bizantino, chegando até nós em bom estado de conservação. A inspiração para estes textos parte dos chamados «Hinos Homéricos» (poemas dedicados a deuses, compostos no estilo homérico), mas Calímaco introduz inovações a vários níveis: se o seu «Hino a Deméter» nos surpreende pelo dialeto dórico usado em concomitância com o hexâmetro dactílico (verso de que o dialeto dórico estava tradicionalmente arredado), mais ainda nos surpreende o «Banho de Palas» (Hino 5), onde o dialeto dórico é usado com outra tipologia métrica, com a qual os poetas anteriores tinham evitado associá-lo: o dístico elegíaco.

Experimentais são também os iambos de Calímaco, poemas fragmentários que trazem de volta, do mundo dos mortos, o antigo poeta iâmbico Hipónax. Continua presente, na nova forma cultivada por Calímaco, a componente de escárnio e de maldizer; mas outras temáticas encontram igualmente um lugar de destaque nestes poemas: o Iambo 6, por exemplo, descreve a estátua de Zeus em Olímpia, ao passo que nos Iambos 1 e 13 perpassam, à boa maneira calimaquiana, ecos de polémicas literárias.

Finalmente, refiramos o poema *Hécale*, uma epopeia miniatural (epílio) que nos chegou em estado muito fragmentário. O tema da hospitalidade rústica oferecida por uma anciã decrépita ao herói ateniense Teseu é tratado — tanto quanto nos é dado perceber — com aquele misto de ironia e de delicadeza do qual, mais tarde, em Roma, Vergílio (na *Bucólica* VI) e Ovídio (nas *Metamorfoses*) serão expoentes máximos.



1. Prólogo dos *Aitia* (fr. 1 Pfeiffer)

πολλάκι μοι Τελχίνες ἐπιτῤύζουσιν ἀοιδῆι
νήιδες, οἱ Μούσης οὐκ ἐγένοντο φίλοι,
εἶνεκεν οὐχ ἔν ἄεισμα διηνεκὲς ἢ βασιλῆων
πρήξιας ἐν πολλαῖς ἤνυσα χιλιάσιν
5 ἢ προτέρους ἤρωας, ἔπος δ' ἐπὶ τυτθὸν ἐλίσσω
παῖς ἄτε, τῶν δ' ἐτέων ἢ δεκάς οὐκ ὀλίγη.

φημί δὲ καὶ Τελχίσι ἐγὼ τόδε· φῦλον ἀκανθῆς,
μοῦνον ἐὼν τήκειν ἤπαρ ἐπιστάμενον,
ἢ μὲν δὴ γὰρ ἔην ὀλιγόστιχος· ἀλλὰ καθέλκει
10 γρηῦν πολὺ τὴν μακρὴν ὄμπνια Θεμοφόρος
τοῖν δὲ δυοῖν Μίμνερνος ὅτι γλυκύς, αἰ κατὰ λεπτόν
ρήσιες, ἢ μεγάλη δ' οὐκ ἐδίδαξε γυνή.
μακρὸν ἐπὶ Θρήικας ἀπ' Αἰγύπτιοι πέτοιτο
αἶματι Πυγμαίων ἠδομένη γέρανος,
15 Μασσαγέται καὶ μακρὸν οἰστεύοιεν ἐπ' ἄνδρα
Μῆδον· ἀηδονίδες δ' ὦδε μελιχρότεραι.
ἔλλετε Βασκανίης ὄλλοδὸν γένος· αὐθι δὲ τέχνηι
κρίνετε, μὴ σχοίνωι Περσίδι τὴν σοφίην·
μηδ' ἀπ' ἐμεῦ διφᾶτε μέγα ψοφέουσιν ἀοιδὴν
20 τίκτεσθαι· βροντᾶν οὐκ ἐμὸν, ἀλλὰ Διός.
καὶ γὰρ ὅτε πρῶτιστον ἐμοῖς ἐπὶ δέλτον ἔθηκα
γούνασιν, Ἀπόλλων εἶπεν ὅ μοι Λύκιος·



1. Prólogo dos *Aitia* (fr. 1 Pfeiffer)

Muitas vezes comigo os Telquines resmungam, na poesia
incultos, eles que não foram amigos das Musas,
porque não foi um poema contínuo que escrevi acerca de reis,
em muitos milhares de versos,
5 nem sobre os heróis antigos; em vez disso, desenrolo a poesia
aos bocadinhos, como uma criança, apesar de os meus anos não
serem poucos.
Eu, pela minha parte, digo aos Telquines isto: «Raça espinhosa,
apenas capaz de derreter o seu próprio fígado,
sou, na verdade, um poeta de poucos versos; mas é superior
10 à velha interminável a trigosa Tesmofória!»
Dos dois, são os versos finos, e não a mulher grande,
que testemunham a doçura de Mimnermo.
Que extensamente do Egito para a Trácia voe
a garça, deliciada com o sangue dos Pigmeus,
15 e que extensamente os Masságetas atirem contra o homem
persa; é à minha maneira, porém, que os rouxinóis são mais doces.
Perecei, raça perniciososa da inveja! Pois julgai pela arte,
e não pela medida persa, a poesia.
Nem espereis que da minha parte um grande poema retumbante
20 possa nascer. Trovejar não a mim, mas a Zeus compete.
Pois quando pela primeira vez a tabuinha coloquei
sobre os joelhos, foi isto que me disse Apolo Liceu:

μένεό μοι, φίλ' αἰδέ, τὸ μὲν θύος ὅττι πάχιστον
 θρέψαι, τὴν Μοῦσαν δ' ὠγαθέ λεπταλέην.
 25 πρὸς δέ σε καὶ τόδ' ἄνωγα, τὰ μὴ πατέουσιν ἅμαξαι
 τὰ στείβειν, ἐτέρων δ' ἰχνια μὴ καθ' ὀμὰ
 δίφρον ἐλᾶν μηδ' οἶμον ἀνὰ πλατύν, ἀλλὰ κελεύθου
 ἀτρίπτους, εἰ καὶ στεινοτέραν ἐλάσεις.
 τῶι πιθόμην· ἐνὶ τοῖς γὰρ αἰίδομεν οἱ λιγὺν ἦχον
 30 τέττιγος, θόρυβον δ' οὐκ ἐφίλησαν ὄνων.
 θηρὶ μὲν οὐατόεντι πανεῖκελον ὀγκήσαιτο
 ἄλλος, ἐγὼ δ' εἶην οὐλαχύς, ὁ πτεροῖς,
 ἅ πάντως, ἵνα γῆρας ἵνα δρόσον, ἦν μὲν αἰίδω
 πρῶκιον ἐκ δίης ἡέρος εἶδαρ ἔδων,
 35 αὐθὶ τὸ δ' ἐκδύοιμι, τό μοι βάρος ὅσσον ἔπεστι
 τριγλῶχιν ὀλοῶι νῆκος ἐπ' Ἐγκελάδωι.
 οὐ νέμεσις· Μοῦσαι γὰρ ὅσους ἴδον ὄθματι παῖδας
 μὴ λοξῶι, πολιοῦς οὐκ ἀπέθεντο φίλους.
 Μουσᾶων δὲ καὶ ὄρνις, ἐπεὶ πτερόν οὐκέτι κινεῖν
 40 οἶδε, πέλει φωνῆι τῆμος ἐνεργότατος.

2. Autopsicografia de uma concha (Epigrama 5 Pfeiffer)

κόγχος ἐγώ, Ζεφυρίτι, παλαιότερον· ἀλλὰ σὺ νῦν με,
 Κύπρι, Σεληναίης ἄνθεμα πρῶτον ἔχεις,
 ναυτίλος ὃς πελάγεσσιν ἐπέπλεον, εἰ μὲν ἀῆται,
 τείνας οἰκείων λαῖφος ἀπὸ προτόνων,
 5 εἰ δὲ γαληναίη, λιπαρὴ θεός, οὖλος ἐρέσσω
 ποσσὶν τίν' ὥσπερ ἔργωι τοῦνομα συμφέρεται,
 ἔστ' ἔπεσον παρὰ θῖνας Ἰουλίδας, ὄφρα γένωμαι

«Lembra-te, querido poeta: o animal para o sacrifício deve ser
 o mais gordo possível; mas a Musa, caro amigo, delgada.
 25 Mais ainda te ordeno isto: os caminhos que os carros não repisaram,
 esses deverás trilhar; nem conduzas no encalço de outros
 o teu carro por uma estrada larga; mas por sentidos nunca antes pisados,
 mesmo que seja pelo mais estreito, conduzirás <a tua poesia>.
 Obedeci-lhe. Canto, pois, para aqueles a quem agrada o som fino
 30 da cigarra, de preferência à zurraria dos burros.
 Que outro se ponha a zurrar como o animal bem provido de orelhas;
 mas que eu seja o pequeno, o alado!
 Sim, para cantar alimentado pelo orvalho, orvalhado alimento
 proveniente do éter divino, para que a velhice
 35 imediatamente eu dispa, pois para mim o seu fardo tem o peso
 da ilha triangular sobre o desgraçado Encélado.
 Mas não é grave: pois aqueles a quem, enquanto novos, as Musas olharam
 sem ser de soslaio, a essas elas não rejeitam quando têm cabelos
 brancos.
 É quando a ave das Musas já não consegue mover as asas
 40 que o seu canto atinge o auge do esplendor.

2. Autopsicografia de uma concha (Epigrama 5 Pfeiffer)

Uma concha eu <fui>, ó Zefirítis², outrora. Mas tu agora,
 Cípris, me tens como oferta primeira de Seleneia,
 5 eu que como náutilo naveguei nos mares, se os ventos <o consentiam>,
 esticando a vela desde os meus próprios cabos,
 se a Acalmia, deusa luzente, <prevalecia>, remando rápido
 com os pés (o nome condiz com o esforço),
 até que caí nas praias de Iúlidade, para que me tornasse

κοὶ τὸ περισκεπτον παίγνιον, Ἄρσινόη,
 μηδέ μοι ἐν θαλάμηϊσιν ἔθ' ὥς πάρος (εἰμὶ γὰρ ἄπνους)
 10 τίκτηται νοτερῆς ὤσον ἄλκυόνος.
 Κλεινίου ἀλλὰ θυγατρὶ δίδου χάριν· οἶδε γὰρ ἐσθλὰ
 ῥέζειν καὶ Κυμύρης ἐστὶν ἀπ' Ἀιολίδος.

3. Quem tem a candeia acesa? (Epigrama 27 Pfeiffer)

Ἦσιόδου τό τ' αἶψα καὶ ὁ τρόπος· οὐ τὸν ἀοιδῶν
 ἔσχατον, ἀλλ' ὀκνέω μὴ τὸ μελιχρότατον
 τῶν ἐπέων ὁ Σολεὺς ἀπεμάξατο· χαίρετε λεπταὶ
 ῥήσιες, Ἀρήτου σύμβολον ἀγρυπνίας.

4. Abomino todas as coisas populares (Epigrama 28 Pfeiffer)

ἐχθαίρω τὸ ποίημα τὸ κυκλικόν, οὐδὲ κελεύθῳ
 χαίρω, τίς πολλοὺς ὦδε καὶ ὦδε φέρει·
 μισέω καὶ περίφοιτον ἐρώμενον, οὐδ' ἀπὸ κρήνης
 πίνω· σικχαίνω πάντα τὰ δημόσια.
 5 Λυκανίη, σὺ δὲ ναίχι καλὸς καλός· ἀλλὰ πρὶν εἰπεῖν
 τοῦτο σαφῶς, Ἦχώ φησί τις· ἄλλος ἔχει.

5. A resposta de Apolo à Inveja (Hino a Apolo, 105-112)

105 ὁ Φθόνος Ἀπόλλωνος ἐπ' οὐατα λάθριος εἶπεν·
 οὐκ ἄγαμαι τὸν ἀοιδὸν ὅς οὐδ' ὅσα πόντος αἰεῖδει.
 τὸν Φθόνον ὠπόλλων ποδί τ' ἤλασεν ὦδε τ' ἔειπεν·

para ti um brinquedo admirado, ó Arsínoe,
 não fosse posto nos <teus> aposentos, como antes (pois já não respiro),
 10 um ovo do aquático alcíone³.
 Mas dou graças à filha de Clíneas. Pois ela sabe fazer
 coisas bonitas; e é natural da éolica Esmirna.

3. Quem tem a candeia acesa? (Epigrama 27 Pfeiffer)⁴

É poesia à maneira de Hesíodo! Não foi ao último dos poetas⁵
 que o Soleu⁶ foi buscar inspiração, mas admito que tomou
 por modelo o que há de mais doce nos versos épicos. Salve, subtis
 versos, símbolo da insónia de Arato!

4. Abomino todas as coisas populares (Epigrama 28 Pfeiffer)

Odeio o poema cíclico e com o caminho me não
 agrado, que leva muitos para cá e para lá.
 Detesto também um amado promíscuo; nem da fonte <pública>
 bebo. Abomino todas as coisas populares.
 5 Lisânias, lá bonito és tu — muito bonito mesmo. Mas antes
 de o dizer claramente, algum eco ressoa: «Outro <já o> tem.»

5. A resposta de Apolo à Inveja (Hino a Apolo, 105-112)

105 A Inveja falou em segredo ao ouvido de Apolo:
 «Não me agrada o poeta cujo canto não tenha a extensão do mar.»
 Apolo afastou a Inveja com o pé e disse:

Ἀσσυρίου ποταμοῖο μέγας ῥόος, ἀλλὰ τὰ πολλὰ
 λύματα γῆς καὶ πολλὸν ἐφ' ὕδατι κυρφετὸν ἔλκει.
 110 Δηοῖ δ' οὐκ ἀπὸ παντὸς ὕδωρ φορέουσι μέλλισσαι,
 ἀλλ' ἦτις καθαρὴ τε καὶ ἀχράαντος ἀνέρπει
 πίδακος ἐξ ἱερῆς ὀλίγη λιβάς ἄκρον ἄωτων.

«É grande a corrente do rio assírio, mas muitas
 lamas de terra e imundície de toda a espécie arrasta.
 110 Não é uma água qualquer que as abelhas levam a Deméter,
 mas aquela que, pura e sem mistura, brota
 de uma nascente sagrada: bebida pouca, suprassumo de qualidade.»

Teócrito

Com Teócrito nasce um dos géneros poéticos que mais influência haveriam de exercer em toda a poesia europeia: o bucolismo. Não se pense, no entanto, tratar-se aqui de uma poesia autêntica de pastores (mau grado o seu carácter inaugural): na poética pastoril, logo desde o seu início, está inscrito o supremo artificialismo de o tema principal do poema não ser a pastorícia, mas sim a própria poesia. O jogo de máscaras que tão bem conhecemos, na poesia portuguesa, das *Éclogas* de Camões ou de «Syrinx, ficção pastoral» de António Franco Alexandre (*Quatro Caprichos*), encontramos-lo já em Teócrito plenamente codificado, com um grau de sofisticação e *self-consciousness* que nos deixa, a cada nova leitura, estupefactos. Aos três textos fundantes do género bucólico (os idílios I, VII e XI, aqui apresentados) podemos já aplicar os vv. 3-4 da *Écloga* I de Camões: «Como se vão as cousas convertendo / em outras cousas várias e inesperadas.»

Se, por um lado, dos poetas helenísticos do século III. a.C., é Teócrito quem se afirma como criador original, por outro lado ele está intimamente ligado à tradição da poesia arcaica: como Safo, Anacreonte e Teógnis, Teócrito é o poeta do travo amargo que o amor deixa na boca de quem ama. O amor na poesia bucólica é sempre não correspondido e os idílios vivem do contraste entre o paraíso em que as personagens pastoris se encontram (paraíso esse a que a tradição posterior chamaria «Arcádia») e o inferno que vivem dentro de si próprias.

A personagem arquetípica deste mundo pastoril é Dáfnis, que morre misteriosamente no Idílio I, vencido pelo desejo sexual a que jurara

resistir. Isto é, o poema deixa em aberto a interpretação de que Dáfnis se afoga por saber que, se não optar quanto antes pela morte, não será capaz de resistir por mais tempo ao apelo do sexo. Onde estará a linha separadora entre a necessidade exclusivamente física de alívio sexual e o idealismo da paixão é um problema crucial (e, para as personagens, excruciante) da poesia de Teócrito. O facto de as figuras intervenientes serem pastores dá azo a que o poeta focalize também a sexualidade animal das cabras e dos bodes (note-se o sobressalto causado pelo final obsceno do Idílio I), contrapondo-a ao desajeitamento dos pastores na gestão dos seus impulsos e sentimentos. Não estamos aqui, de forma alguma, no bucolismo madrigalesco de Camões (e muito menos no bucolismo de salão dos árcades setecentistas): somos colocados por Teócrito perante a realidade crua do desejo.

Mas além do sexo há, como já foi referido, outro tema obsessivo em Teócrito: a poesia. O mais belo e mais enigmático poema (Idílio VII) é narrado na primeira pessoa e fala da caminhada, rumo a uma festa para celebrar a abundância do verão, em que o narrador e dois amigos encontram Lícidas, um cabreiro que apresenta fortes semelhanças com o deus Apolo. Há uma troca estranha de galhardetes entre o narrador e Lícidas, onde se condenam os imitadores de Homero, «a passara das Musas que se põe a cacarejar contra o aedo de Quios». Depois cada um apresenta um poema de urdidura recente: poemas de amor, ambos de tema homoerótico, e ambos repletos de alusões a possíveis controvérsias literárias que já não podemos reconstituir. No termo desta apresentação poética, Lícidas oferece um cajado ao narrador, num gesto claramente reminiscendo do encontro com as Musas relatado por Hesíodo no próemio da *Teogonia*.

O Idílio XI entra em diálogo com Homero, mas de forma inesperada. A personagem central é Polifemo, o Ciclope repulsivo da *Odisseia*, que surge aqui sob a forma de um moçoilo apaixonado pela elusiva Galateia, a quem ele dedica um canto cheio das mais absurdas ingenuidades.

O poema é fundante, a todos os níveis, do género bucólico, pois dele fez Vergílio uma versão homossexualizada na Bucólica II, donde passou, novamente com vestes heterossexuais, para a poesia quinhentista portuguesa, com imitação direta na Écloga IV de António Ferreira. Mas a imitação mais subtil está no Canto XIII das *Metamorfoses* de Ovídio, onde o poeta romano faz a caricatura maliciosa de um tique poético já presente em Teócrito: o uso e abuso do grau comparativo dos adjetivos. Dedicado a Nícias, um médico-poeta, o poema de Teócrito é como que um pequeno tratado sobre o subjetivismo e sobre a ironia resultante de não nos vermos como outros nos veem. Se a última farpa irónica é dirigida ao próprio dedicatário, tal não destoa num poema em que a paixão da ironia serviu tão bem a ironia da paixão.

A poesia bucólica não é o único género representado na coletânea de Teócrito. Há poemas que se passam na própria cidade de Alexandria e o mais divertido é sem dúvida o Idílio XV, em que acompanhamos duas donas de casa alexandrinas (com realismo e montagem cinematográficos) num percurso pela cidade que termina no palácio real, onde elas assistem a um concerto. Os pormenores do quotidiano são impagáveis: a birra do filho pequeno, antes de saírem de casa, que também quer ir com a mãe; a maledicência das duas senhoras em relação aos maridos; os transeuntes que as empurram nas ruas apinhadas de gente; a rispidez chocante (para os nossos ouvidos) com que tratam as escravas; um homem indelicado a mandá-las calar antes de começar o concerto; a pressa de se irem embora no fim do recital, porque têm os maridos em casa à espera do jantar.

O momento mais interessante — e também mais expressivo do que é a própria poesia de Teócrito — surge quando as donas de casa entram no palácio e ficam pasmadas perante uma tapeçaria. «Que coisa habilitosa é o ser humano!», exclama uma delas, encantada com a arte de quem teceu. «Como as figuras parecem verdadeiras, como parecem mexer-se de verdade!»



Tírsis, ou O Canto (Idílio I)

ΘΥΡCIC

Ἄδύ τι τὸ ψιθύρισμα καὶ ἅ πίτυς, αἰπόλε, τήνα,
ἅ ποτὶ ταῖς παγαῖσι, μελίσδεται, ἀδὺ δὲ καὶ τὺ
κυρίδες· μετὰ Πᾶνα τὸ δεύτερον ἄθλον ἀποισῆι.
αἶ κα τήνος ἔληι κεραὸν τράγον, αἶγα τὺ λαψῆι.
5 αἶ κα δ' αἶγα λάβηι τήνος γέρας, ἐς τὲ καταρρεῖ
ἅ χίμαρος· χιμάρω δὲ καλὸν κρέας, ἔστε κ' ἀμέλξησι.

ΑΙΠΟΛΟC

ἄδιον, ὦ ποιμῆν, τὸ τεδὸν μέλος ἢ τὸ καταχές
τῆν' ἀπὸ τᾶς πέτρας καταλείβεται ὑψόθεν ὕδωρ.
αἶ κα ταὶ Μοῖσαι τὰν οἶδα δῶρον ἄγωνται,
10 ἄρνα τὺ σακίταν λαψῆι γέρας· αἶ δέ κ' ἄρεσκη
τήναις ἄρνα λαβεῖν, τὺ δὲ τὰν δὶν ὕστερον ἄξῆι.

ΘΥΡCIC

λῆσι ποτὶ τᾶν Νυμφᾶν, λῆσι, αἰπόλε, τεῖδε καθίζας,
ὡς τὸ κάταντες τοῦτο γεώλοφον αἶ τε μυρῖκαι,
κυρίδεν; τὰς δ' αἶγας ἐγὼν ἐν τῶιδε νομευῶ.

ΑΙΠΟΛΟC

15 οὐ θέμις, ὦ ποιμῆν, τὸ μεσαμβρινὸν οὐ θέμις ἄμμιν



Tírsis, ou O Canto (Idílio I)

TÍRSIS

Suave é o sussurro, ó cabreiro, daquele pinheiro,
que canta junto das nascentes; e suave é o som
da tua siringe. A seguir a Pã levarás o segundo prémio.
Se ele escolhesse o bode chifrado, tu levarias a cabra.
5 Se ele levasse como prémio a cabra, tu ficarias com
a cabrita. A carne da cabrita é boa, até que a ordenhes.

CABREIRO

O teu canto, ó pastor, é mais suave ainda do que a água
que escorre até cá abaixo das pedras lá no alto.
Se as Musas levarem como presente a ovelha,
10 tu levarás como prémio o borrego; se lhes agradar
levar o borrego, tu levarás depois a ovelha.

TÍRSIS

Pelas Ninfas, ó cabreiro! Queres, sentado aí
onde está esta inclinação da colina e estão os tamarindos,
tocar a tua siringe? Pelas cabras entretanto velarei.

CABREIRO

15 Não nos é lícito, ó pastor, tocar a siringe ao meio-dia.

κυρίδεν. τὸν Πᾶνα δεδοίκαμε· ἡ γὰρ ἀπ' ἄγρας
 τανίκα κεκμακῶς ἀμπαύεται· ἔστι δὲ πικρός,
 καὶ οἱ αἰεὶ δριμεῖα χολὰ ποτὶ ῥινὶ κάθηται.
 ἀλλὰ τὺ γὰρ δὴ, Θύρσι, τὰ Δάφνιδος ἄλγε' αἰίδες
 20 καὶ τὰς βουκολικᾶς ἐπὶ τὸ πλεόν ἴκειο μοίσας,
 δεῦρ' ὑπὸ τὰν πετελέαν ἐσδώμεθα τῷ τε Πριήπῳ
 καὶ τὰν κρανίδων κατεναντίον, ἅπερ ὁ θῶκος
 τήνος ὁ ποιμενικὸς καὶ ται δρύες. αἱ δὲ κ' αἰείθις
 ὡς ὄκα τὸν Λιβύαθε ποτὶ Χρόμιν αἰσας ἐρίδων,
 25 αἰγὰ τέ τοι δωσῶ διδυματόκον ἐς τρίς ἀμέλξαι,
 ἃ δὲ ἔχοις ἐρίφως ποταμέλγεται ἐς δύο πέλλας,
 καὶ βαθὺ κισσύβιον κεκλυμένον ἀδεί κηρῶι,
 ἀμφῶες, νεοτευχέες, ἔτι γλυφάνοιο ποτόσδον.
 τῷ ποτὶ μὲν χεῖλη μαρύεται ὑψόθι κισσός,
 30 κισσὸς ἐλιχρύσῳι κεκοιμένος· ἃ δὲ κατ' αὐτόν
 καρπῶι ἐλιξ εἰλεῖται ἀγαλλομένα κροκόεντι.
 ἔντοσθεν δὲ γυνά, τι θεῶν δαιδαλμα, τέτυκται,
 ἀσκητὰ πέπλωι τε καὶ ἄμπυκι· παρ δὲ οἱ ἄνδρες
 καλὸν ἐθειράζοντες ἀμοιβαδίς ἄλλοθεν ἄλλος
 35 νεικείουσ' ἐπέεσσι· τὰ δ' οὐ φρενὸς ἄπτεται αὐτᾶς.
 ἀλλ' ὄκα μὲν τήνον ποτιδέρκεται ἄνδρα γέλαια,
 ἄλλοκα δ' αὐ ποτὶ τὸν ῥιπτεῖ νόον· οἱ δ' ὑπ' ἔρωτος
 δηθὰ κυλοιδιώντες ἐτώσια μοχθίζοντι.
 τοῖς δὲ μετὰ γριπεύς τε γέρων πέτρα τε τέτυκται
 40 λεπράς, ἐφ' αἱ σπεύδων μέγα δίκτυον ἐς βόλον ἔλκει
 ὁ πρέσβυς, κάμνοντι τὸ καρτερόν ἀνδρὶ ἑοικῶς.
 φαίης κεν γυίων νιν ὄσον σθένος ἔλλοπιεύειν,
 ὦδὲ οἱ ὠιδήκαντι κατ' αὐχένα πάντοθεν ἴνεσ
 καὶ πολὺν περ ἐόντι· τὸ δὲ σθένος ἄξιον ἄβας.
 45 τυτθὸν δ' ὄσον ἄπωθεν ἀλιτρυτοῖο γέροντος

Tememos o deus Pã. Pois na verdade a essa hora
 ele repousa, cansado, da caça. Ele é de feitio azedo;
 no seu nariz está sempre a cólera amarga.
 Mas tu, ó Tírsis, cantas os sofrimentos de Dáfnis
 20 e chegaste à plena perfeição da musa bucólica.
 Sentemo-nos então sob o ulmeiro, voltados para Priapo
 e para as nascentes, onde está aquele assento
 pastoril e onde estão os carvalhos. Se cantares
 como quando cantaste outrora contra Crómio da Líbia,
 25 permitirei que ordenhes três vezes uma cabra mãe de gémeos,
 ela que, apesar dos dois cabritos, dá ainda dois baldes de leite.
 E dar-te-ei uma funda taça que levou um banho de cera suave,
 de asa dupla, de feitura recente, a cheirar ainda ao cinzel.
 Pelo cimo dos seus rebordos se estende a hera,
 30 hera adornada com flores de ouro; e nela se encaracolam
 os pampilhos na glória do seu fruto de açafraão.
 Na taça está uma mulher cinzelada (artefacto divino!),
 vestida de capa e peplo. Junto dela dois homens
 bem penteados de cada lado, um contra o outro,
 35 rivalizam com palavras. Mas nada disto toca à mente dela.
 Ora olha para um deles, com um sorriso na boca;
 ora ao outro dá a sua atenção. E eles, com grandes
 olheiras devido ao amor, esforçam-se em vão.
 Junto destes está cinzelado um velho pescador e uma pedra
 40 rochosa, na qual o ancião se afadiga a puxar uma grande rede
 para a lançar, esforçando-se muito, como um homem verdadeiro.
 Dirias que ele pescava com toda a força dos seus membros,
 de tal forma os músculos se salientam em todo o pescoço,
 apesar de ele ser grisalho. Mas a força é digna da juventude.
 45 Um pouco para lá do ancião cansado pelo mar,

περκναίσι σταφυλαίσι καλὸν βέβριθεν ἀλώα,
 τὰν ὀλίγος τις κῶρος ἐφ' αἰμασιαίσι φυλάσσει
 ἥμενος· ἀμφὶ δέ νιν δὺ' ἀλώπεκες, ἃ μὲν ἄν' ὄρχως
 φοιτῆι σινομένα τὰν τρώξιμον, ἃ δ' ἐπὶ πῆραι
 50 πάντα δόλον τεύχοισα τὸ παιδίον οὐ πρὶν ἀνηρεῖν
 φατὶ πρὶν ἢ ἀκράτιστον ἐπὶ ξηροῖσι καθίξει.
 αὐτὰρ ὄγ' ἀνθερίκοισι καλὰν πλέκει ἀκριδοθήραν
 χοῖνιω ἐφαρμόσδων· μέλεται δέ οἱ οὔτε τι πῆρας
 οὔτε φυτῶν τοσσῆνον ὅσον περὶ πλέγματι γαθεῖ.
 55 παντᾶι δ' ἀμφὶ δέπας περιπέπταται ὕγρὸς ἄκανθος,
 αἰπολικὸν θάημα· τέρας κέ τυ θυμὸν ἀτύξαι.
 τῷ μὲν ἐγὼ πορθμῆι Καλυδνίω αἰγὰ τ' ἔδωκα
 ὦνον καὶ τυρόεντα μέγαν λευκοῖο γάλακτος·
 οὐδέ τί πω ποτὶ χεῖλος ἐμὸν θίγεν, ἀλλ' ἔτι κεῖται
 60 ἄχραντον· τῷ κά τυ μάλα πρόφρων ἀρεσαίμαν
 αἰ κά μοι τύ, φίλος, τὸν ἐφίμερον ὕμνον αἰείησις.
 κοῦτί τυ κερτομέω· πόταγ', ὦγαθέ· τὰν γὰρ αἰοιδάν
 οὐ τί παῖ εἰς Ἄϊδαν γε τὸν ἐκλελάθοντα φυλαξείς.

ΘΥΡΚΙΣ

ἄρχετε βουκολικᾶς, Μοῖσαι φίλαι, ἄρχετ' αἰοιδᾶς.

65 Θύρσις ὃδ' ὡς Αἴτνας, καὶ Θύρσιδος ἀδέα φωνά.
 παῖ ποκ' ἄρ' ἦρθ', ὅκα Δάφνις ἐτάκετο, παῖ ποκα, Νύμφαι;
 ἢ κατὰ Πηνειῷ καλὰ τέμπεα, ἢ κατὰ Πίνδω;
 οὐ γὰρ δὴ ποταμοῖο μέγαν ῥόον εἶχεν Ἀνάπῳ,
 οὐδ' Αἴτνας σκοπιάν, οὐδ' Ἄκιδος ἱερὸν ὕδωρ.
 70 ἄρχετε βουκολικᾶς, Μοῖσαι φίλαι, ἄρχετ' αἰοιδᾶς.

uma vinha está bem carregada de cachos avermelhados;
 é vigiada por um pequeno rapaz, sentado em cima
 do muro de pedra. À sua volta estão duas raposas:
 uma mete-se por entre as vinhas e destrói as uvas;
 50 a outra dedica toda a sua manha ao alforge e jura
 não largar o rapaz até que lhe tenha comido a merenda.
 Porém o rapaz entretece uma bela gaiola para um gafanhoto,
 ajustando os vimes. Não se preocupa tanto com o alforge,
 nem com as vinhas, como quanto pela urdidura se alegra.
 55 E por toda a taça está espalhado o macio acanto,
 cabreira maravilha! É um prodígio que te espantará.
 Por ela paguei eu ao barqueiro da Calídnia como preço
 uma cabra e um grande queijo de branco leite.
 Nunca ela tocou o meu beicho, mas permanece
 60 imaculada. De bom grado por meio dela agradar-te-ia,
 se tu, ó amigo, me cantasses aquele canto amável.
 Não zombo de ti. Canta então, meu caro! Pois o canto
 não o levarás para o Hades que de tudo causa o olvido.

TÍRSIS

Começai o canto bucólico, Musas amadas, começai a cantar!

65 Este Tírsis é aquele do Etna e suave é a voz de Tírsis.
 Onde estáveis outrora quando Dáfnis se derretia, outrora onde, ó Ninfas?
 Estaríeis nos belos vales do Peneu, ou no Pindo?
 Pois não detínheis a grande corrente do rio Anapo,
 nem o cume do Etna, nem a água sagrada de Ácis.
 70 Começai o canto bucólico, Musas amadas, começai a cantar!

τῆνον μὰν θῶες, τῆνον λύκοι ὠρύσαντο,
τῆνον χῶκ δρυμοιο λέων ἔκλαυσε θανόντα.

ἄρχετε βουκολικᾶς, Μοῖσαι φίλαι, ἄρχετ' αἰοιδᾶς.

πολλαί οἱ πὰρ ποσσὶ βόες, πολλοὶ δέ τε ταῦροι,
75 πολλαὶ δὲ δαμάλαι καὶ πόρτιες ὠδύραντο.

ἄρχετε βουκολικᾶς, Μοῖσαι φίλαι, ἄρχετ' αἰοιδᾶς.

ἦνθ' Ἑρμᾶς πράτικτος ἀπ' ὄρεος, εἶπε δὲ Δάφνι,
τίς τυ κατατρύχει; τίνος, ὠγαθέ, τόσσον ἔρασαι;

ἄρχετε βουκολικᾶς, Μοῖσαι φίλαι, ἄρχετ' αἰοιδᾶς

80 ἦνθον τοὶ βοῦται, τοὶ ποιμένες, ὠπόλοιο ἦνθον·
πάντες ἀνηρώτευν τί πάθοι κακόν. ἦνθ' ὁ Πρίηπος
κῆφα· Δάφνι τάλαν, τί τὸ τάκεαι; ἂ δέ τυ κῶρα
πάσας ἀνὰ κράνας, πάντ' ἄλσεια ποσσὶ φορεῖται —

ἄρχετε βουκολικᾶς, Μοῖσαι φίλαι, ἄρχετ' αἰοιδᾶς —

85 ζάτεις· ἂ δύσερώς τις ἄγαν καὶ ἀμήχανος ἐσσί.
βούτας μὲν ἐλέγευ, νῦν δ' αἰπόλωι ἀνδρὶ ἔοικας.
ὠπόλος, ὅκκ' ἐσορῆι τὰς μηκάδας οἶα βατεῦνται,
τάκεται ὀφθαλμῶς ὅτι οὐ τράγος αὐτὸς ἔγεντο.

ἄρχετε βουκολικᾶς, Μοῖσαι φίλαι, ἄρχετ' αἰοιδᾶς.

90 καὶ τὸ δ' ἐπεὶ κ' ἐσορῆις τὰς παρθένους οἶα γελᾶντι,
τάκεαι ὀφθαλμῶς ὅτι οὐ μετὰ ταῖσι χορεύεις.

Por ele uivaram os chacais, por ele os lobos;
por ele, já morto, se lamentou o leão da floresta.

Começai o canto bucólico, Musas amadas, começai a cantar!

75 Muitos eram os bois a seus pés, muitos eram os touros;
muitas novilhas e vitelas por ele se lamentaram.

Começai o canto bucólico, Musas amadas, começai a cantar!

Primeiro de todos veio Hermes da montanha e disse: «Dáfnis,
quem te atormenta? Por quem, ó amigo, estás assim apaixonado?»

Começai o canto bucólico, Musas amadas, começai a cantar!

80 Vieram os boieiros e os pastores; vieram os cabreiros.
Todos perguntaram de que mal padecia. Veio Priapo
e disse: «Pobre Dáfnis, porque te derretes? Por ti a donzela
percorre todas as fontes e todos os bosques —»

Começai o canto bucólico, Musas amadas, começai a cantar!

85 «— à tua procura. Ah, como és desastrado e atado no amor!
Eras chamado boieiro, mas agora pareces um cabreiro.
Pois o cabreiro, quando vê os folguedos das cabras,
derrete os olhos a chorar por não ter nascido bode.»

Começai o canto bucólico, Musas amadas, começai a cantar!

90 «E tu, quando olhas para as donzelas e vês como se riem,
derretes os olhos a chorar por não dançares no meio delas.»

τῶς δ' οὐδὲν ποτελέξαθ' ὁ βουκόλος, ἀλλὰ τὸν αὐτῷ
ἄννε πικρὸν ἔρωτα, καὶ ἐς τέλος ἄννε μοίρας.

ἄρχετε βουκολικᾶς, Μοῖσαι, πάλιν ἄρχετ' αἰοιδᾶς.

- 95 ἦνθέ γε μὰν ἀδεία καὶ ἡ Κύπρις γελάοισα,
λάθρη μὲν γελάοισα, βαρὺν δ' ἀνὰ θυμὸν ἔχοισα,
κείπε· τὴν τὸν Ἔρωτα κατεύχεο, Δάφνι, λυγιξείν·
ἦ ῥ' οὐκ αὐτὸς Ἔρωτος ὑπ' ἀργαλέω ἐλυγίχθης;

ἄρχετε βουκολικᾶς, Μοῖσαι, πάλιν ἄρχετ' αἰοιδᾶς.

- 100 τὰν δ' ἄρα χῶ Δάφνις ποταμείβετο· Κύπρι βαρεῖα,
Κύπρι νεμεσκατά, Κύπρι θνατοῖσιν ἀπεχθής,
ἦδη γὰρ φράσθη πάνθ' ἄλιον ἄμμι δεδύκειν;
Δάφνις κῆν Ἄϊδα κακὸν ἔσσεται ἄλγος Ἔρωτι.

ἄρχετε βουκολικᾶς, Μοῖσαι, πάλιν ἄρχετ' αἰοιδᾶς.

- 105 οὐ λέγεται τὰν Κύπριν ὁ βουκόλος; ἔρπε ποτ' Ἴδα,
ἔρπε ποτ' Ἀγχίαν· τῆναι δρύες ἠδὲ κύπειρος,
αἱ δὲ καλὸν βομβεῦντι ποτὶ μάνεσσι μέλισσαι.

ἄρχετε βουκολικᾶς, Μοῖσαι, πάλιν ἄρχετ' αἰοιδᾶς.

ῥαῖος χῶδωνις, ἐπεὶ καὶ μῆλα νομεύει

- 110 καὶ πτώκας βάλλει καὶ θηρία πάντα διώκει.

ἄρχετε βουκολικᾶς, Μοῖσαι, πάλιν ἄρχετ' αἰοιδᾶς.

Porém não lhe deu resposta o boieiro, mas aguentou
seu amor amargo; aguentou-o até ao fadado desfecho.

Começai o canto bucólico, Musas, de novo começai a cantar!

- 95 Veio também Cípris, sorrindo suavemente;
sorrindo secretamente, retendo a ira grave,
e disse: «Juraste, ó Dáfnis, que derrubarías o Amor!
Mas não foste tu próprio derrubado pelo cruel Amor?»

Começai o canto bucólico, Musas, de novo começai a cantar!

- 100 Porém à deusa deu Dáfnis esta resposta: «Cípris pesada,
Cípris irada, Cípris odiosa para os mortais!
Pensarás tu que o meu sol chegou de todo ao ocaso?
Dáfnis até no Hades será uma dor para o Amor.»

Começai o canto bucólico, Musas, de novo começai a cantar!

- 105 «Não se diz que o boieiro e Cípris...? Vai-te para o Ida!
Vai para junto de Anquises. Lá tens carvalhos e lódão;
e as abelhas zumbem agradavelmente de volta das colmeias.»

Começai o canto bucólico, Musas, de novo começai a cantar!

- 110 «Belo é também Adónis: também ele apascenta rebanhos,
mata lebres e persegue na caça todos os animais selvagens.»

Começai o canto bucólico, Musas, de novo começai a cantar!

αὐτίς ὅπως στασῆι Διομήδεος ἄσσαν ἰοῖσα,
καὶ λέγε “τὸν βούταν νικῶ Δάφνιν, ἀλλὰ μάχου μοι”

ἄρχετε βουκολικᾶς, Μοῖσαι, πάλιν ἄρχετ' αἰοιδᾶς.

115 ὦ λύκοι, ὦ θῶες, ὦ ἄν' ὄρεα φωλάδες ἄρκτοι,
χαίρεθ'· ὁ βουκόλος ὑμῖν ἐγὼ Δάφνιν οὐκέτ' ἄν' ὕλαν,
οὐκέτ' ἀνὰ δρυμῶς, οὐκ ἄλσεια. χαῖρ', Ἀρέθοισα,
καὶ ποταμοὶ τοὶ χεῖτε καλὸν κατὰ Θύβριδος ὕδωρ.

ἄρχετε βουκολικᾶς, Μοῖσαι, πάλιν ἄρχετ' αἰοιδᾶς.

120 Δάφνιν ἐγὼν ὅδε τῆνος ὁ τὰς βόας ὠδε νομεύων,
Δάφνιν ὁ τὼς ταύρωσ καὶ πόρτιας ὠδε ποτίσδων.

ἄρχετε βουκολικᾶς, Μοῖσαι, πάλιν ἄρχετ' αἰοιδᾶς.

ὦ Πᾶν Πάν, εἴτ' ἐσσι κατ' ὄρεα μακρὰ Λυκαίω,
εἴτε τύγ' ἀμφιπολεῖς μέγα Μαίναλον, ἐνθ' ἐπὶ νᾶσον

125 τὰν Σικελάν, Ἐλίκας δὲ λίπε ρίον αἰπύ τε cάμα
τῆνο Λυκαονίδαο, τὸ καὶ μακάρεσσιν ἀγητόν.

λήγετε βουκολικᾶς, Μοῖσαι, ἴτε λήγετ' αἰοιδᾶς.

ἐνθ' ὠναξ, καὶ τάνδε φέρου πακτοῖο μελίπνου
ἐκ κηρῶ σύριγγα καλὸν περὶ χεῖλος ἐλικτάν·

130 ἦ γὰρ ἐγὼν ὑπ' Ἔρωτος ἐς Ἄιδαν ἔλκομαι ἤδη.

λήγετε βουκολικᾶς, Μοῖσαι, ἴτε λήγετ' αἰοιδᾶς.

«Vai colocar-te de novo à frente de Diomedes
e diz: “Venço Dáfnis, o boieiro, mas tu luta comigo.”»

Começai o canto bucólico, Musas, de novo começai a cantar!

115 «Ó lobos, ó chacais, ó ursos em vossas grutas montanhosas:
de vós me despeço! Eu, Dáfnis, o boieiro, nunca mais
irei às vossas florestas, clareiras e bosques. Salve, Aretusa,
e vós, ó rios, que até ao Tíbris fazeis descer vosso belo caudal!»

Começai o canto bucólico, Musas, de novo começai a cantar!

120 «Sou aquele Dáfnis que aqui apascentava as suas vacas;
aquele Dáfnis que aqui dava de beber a touros e vitelas.»

Começai o canto bucólico, Musas, de novo começai a cantar!

125 «Ó Pã, Pã! Quer estejas nas altas montanhas do Liceu,
quer percorras o grande Ménalo, vem até à ilha
da Sicília e deixa o escarpado píncaro de Hélice
e o túmulo de Licáon, agradável aos bem-aventurados!»

Parai o canto bucólico, Musas, parai de cantar!

130 «Vem, soberano, e leva esta siringe, fragrante de mel
por causa da cera cerrada, com bela embocadura;
pois pelo Amor sou agora levado para o Hades.»

Parai o canto bucólico, Musas, parai de cantar!

νῦν ἴα μὲν φορέοιτε βάτοι, φορέοιτε δ' ἄκανθαι,
 ἃ δὲ καλὰ νάρκισσοσ ἐπ' ἀρκεύθοισι κομάσαι,
 πάντα δ' ἀναλλα γένοιτο, καὶ ἃ πίτυσ ὄχνασ ἐνεΐκαι,
 135 Δάφνισ ἐπεὶ θνάσκει, καὶ τὰσ κύνασ ὠλαφοσ ἔλκοι,
 κῆξ ὀρέων τοὶ σκῶπεσ ἀηδόσι γαρούσαιντο.

λήγετε βουκολικᾶσ, Μοΐσαι, ἴτε λήγετ' ἀοιδᾶσ.

χῶ μὲν τόσσ' εἰπῶν ἀπεπαύσατο· τὸν δ' Ἀφροδίτα
 ἤθελ' ἀνορθῶσαι· τά γε μὰν λῖνα πάντα λελοΐπει
 140 ἐκ Μοιρᾶν, χῶ Δάφνισ ἔβα ρόοσ. ἔκλυσε δῖνα
 τὸν Μοΐσαισ φίλον ἄνδρα, τὸν οὐ Νύμφαισιν ἀπεχθῆ.

λήγετε βουκολικᾶσ, Μοΐσαι, ἴτε λήγετ' ἀοιδᾶσ.

καὶ τὸ δίδου τὰν αἶγα τό τε σκύφοσ, ὡσ κεν ἀμέλξασ
 σπέισω ταῖσ Μοΐσαισ. ὦ χαίρετε πολλάκι, Μοΐσαι,
 145 χαίρετ'· ἐγὼ δ' ὕμμιν καὶ ἐσ ὕστερον ἄδιον αἰεῶ.

ΑἰΠΟΛΟσ

πλήρεσ τοὶ μέλιτοσ τὸ καλὸν στόμα, Θύρσι, γένοιτο,
 πλήρεσ δὲ σχαδόνων, καὶ ἀπ' Αἰγίλω ἰσχάδα τρώγοισ
 ἀδείαν, τέττιγοσ ἐπεὶ τύγα φέρτερον αἰδεισ.
 ἠνίδε τοὶ τὸ δέπασ· θᾶσαι, φίλοσ, ὡσ καλὸν ὄσδει.
 150 Ὠρᾶν πεπλῦσθαι νιν ἐπὶ κράναισι δοκησεῖσ.
 ὦδ' ἴθι, Κισσαίθα· τὸ δ' ἄμελγέ νιν. αἰ δὲ χίμαιραι,
 οὐ μῆ σκιρτασῆτε, μῆ ὁ τράγοσ ὕμμιν ἀναστῆ.

«Florescei agora de violetas, ó espinhos, e vós, ó acantos!
 Que o zimbro se adorne de belos narcisos.
 Que tudo se transforme, que o pinheiro dê peras,
 135 visto que Dáfnis está a morrer. Que o veado persiga as cadelas,
 e que das montanhas as corujas cantem contra os rouxinóis.»

Parai o canto bucólico, Musas, parai de cantar!

E ele, tendo dito estas coisas, parou. Afrodite ainda
 quis levantá-lo. Mas todo o fio chegara ao fim
 140 dos Fados e Dáfnis foi para a água. As ondas cobriram
 quem fora caro às Musas, quem às Ninfas não fora malquisto.

Parai o canto bucólico, Musas, parai de cantar!

E tu dá-me então a cabra e a taça, para que a ordenhe
 e possa fazer libação às Musas. Muitas vezes vos saúdo,
 145 ó Musas! Mais suavemente eu vos cantarei no futuro.

CABREIRO

Que a tua bela boca se encha de mel, ó Tírsis,
 que se encha do favo do mel; e que comas o figo
 doce de Égilo, pois tu cantas melhor que a cigarra!
 Aqui tens a taça. Nota, ó amigo, como cheira bem.
 150 Dirias ter sido banhada nas nascentes das Horas.
 Chega-te aqui, Quisseta! Podes ordenhá-la. Ó cabritas,
 nada de coices! Senão o bode ainda vos dá uma trancada.

As Talísias (Idílio VII)

- Ἦς χρόνος ἀνίκ' ἐγὼν τε καὶ Εὐκρίτος εἰς τὸν Ἄλεντα
 εἶρπομες ἐκ πόλιος, σὺν καὶ τρίτος ἄμμιν Ἀμύντας.
 ταῖ Διοῖ γὰρ ἔτευχε θαλύσια καὶ Φρασίδαμος
 κἀντιγένης, δύο τέκνα Λυκωπέος, εἴ τί περ ἐσθλόν
 5 χαῶν τῶν ἐπάνωθεν ἀπὸ Κλυτίας τε καὶ αὐτῶ
 Χάλκωνος, Βούριναν ὅς ἐκ ποδὸς ἄννε κρίναν
 εὐ ἐνερεϊάμενος πέτραι γόνυ· ταὶ δὲ παρ' αὐτάν
 αἴγειροι πετέλαι τε εὐσκιον ἄλκος ὕφαινον
 χλωροῖσιν πετάλοισι κατηρεφέες κομώωσαι.
- 10 κοῦπω τὰν μεσάταν ὁδὸν ἄννεμες, οὐδὲ τὸ σᾶμα
 ἀμῖν τὸ Βρασίλα κατεφαίνετο, καὶ τιν' ὀδίταν
 ἐσθλὸν σὺν Μοίαισι Κυδωνικὸν εὐρομες ἄνδρα,
 οὐνομα μὲν Λυκίδαν, ἦς δ' αἰπόλος, οὐδέ κέ τίς νιν
 ἠγνοίησεν ἰδὼν, ἐπεὶ αἰπόλωι ἔξοχ' ἐώικει.
- 15 ἐκ μὲν γὰρ λασιόιο δακτύριχος εἶχε τράγοιο
 κνακὸν δέρμ' ὦμοισι νέας ταμίσιοιο ποτόσδον,
 ἀμφὶ δέ οἱ στήθεσσι γέρων ἐσφίγγετο πέπλος
 ζωστήρι πλακερῶι, ροικὰν δ' ἔχεν ἀγριελαίω
 δεξιτερᾶι κορύναν. καὶ μ' ἀτρέμας εἶπε σεσαρῶς
- 20 ὄμματι μειδιῶντι, γέλωσ δέ οἱ εἶχετο χεῖλευσ·
 Σιμιχίδα, πᾶι δὴ τὴ μεσαμέριον πόδας ἔλκει,
 ἀνίκα δὴ καὶ σαῦρος ἐν αἵμασιαῖσι καθεύδει,
 οὐδ' ἐπιτυμβίδιοι κορυδαλλίδες ἠλαίνοντι;
 ἦ μετὰ δαῖτ' ἄκλητος ἐπέιγεται, ἦ τινος ἀκτῶν
- 25 λανὸν ἐπι θρώσκεϊς; ὥς τοι ποσὶ νισσομένοιο
 πᾶσα λίθος πταίοισα ποτ' ἀρβυλίδεσσιν ἀεΐδει.

As Talísias (Idílio VII)

- Há tempo, eu e Êucrito demos um passeio até ao Halenta,
 saindo da cidade; connosco foi um terceiro, Amintas.
 Em honra de Deméter celebravam as Talísias Frasidamo
 e Antígenes, os dois filhos de Licopeu, do mais nobre
 5 que há, da linhagem de Clícias e do próprio
 Cálcon, ele que debaixo do pé fez brotar a fonte
 de Burina, empurrando o joelho contra a rocha; à volta
 dela os choupos e os ulmeiros teceram um bosque sombrio,
 abobadado por cima com uma copa de verdes folhas.
- 10 Ainda não íamos a meio do caminho (ainda não nos
 surgira diante dos olhos o túmulo de Brasília) quando
 deparámos, graças às Musas, com um viandante distinto,
 homem da Cidónia, Lícidas de seu nome. Era cabreiro
 e ninguém veria nele outra coisa: parecia mesmo um cabreiro.
- 15 Aos ombros vestia a pele ruiva de um bode peludo,
 que tresandava ainda a coalhada fresca;
 em torno do peito tinha um velho manto
 com faixa entretecida; e na mão direita segurava
 um cajado de oliveira brava. Zombando me disse
- 20 tranquilamente, com olho sorridente e riso nos beiços:
 «Simíquidas, para onde arrastas tu os pés ao meio-dia,
 quando até o lagarto dorme nos muros de pedra seca
 e nem mesmo as cotovias esvoaçam para cá e para lá?
 Vais para um banquete sem teres sido convidado,
 25 ou corres para o lagar de algum cidadão? Cada
 pedra canta ao chocar por acaso com as tuas botas.»

τὸν δ' ἐγὼ ἀμείφθην· Λυκίδα φίλε, φαντί τυ πάντες
 ἦμεν κυρικτὰν μέγ' ὑπέροχον ἔν τε νομεῦσιν
 ἔν τ' ἀματήρεσσι. τὸ δὴ μάλα θυμὸν ἰαίνει
 30 ἀμέτερον· καίτοι κατ' ἐμὸν νόον ἰσοφαρίζειν
 ἔλπομαι. ἃ δ' ὁδοῦς ἄδε θαλυσιᾶς· ἧ γὰρ ἑταῖροι
 ἀνέρες εὐπέπλωι Δαμάτερι δαίτα τελευντι
 ὄλβω ἀπαρχόμενοι· μάλα γὰρ σφίσι πίονι μέτρῳ
 ἃ δαίμων εὐκριθὸν ἀνεπλήρωσεν ἀλῶάν.
 35 ἀλλ' ἄγε δὴ, ξυνὰ γὰρ ὁδοῦς ξυνὰ δὲ καὶ ἄως,
 βουκολιασδώμεσθα· τάχ' ὥτερος ἄλλον ὄνασεῖ.
 καὶ γὰρ ἐγὼ Μοικᾶν καπυρὸν στόμα, κήμὲ λέγοντι
 πάντες ἀοιδὸν ἄριστον· ἐγὼ δέ τις οὐ ταχυπειθής,
 οὐ Δᾶν· οὐ γὰρ πω κατ' ἐμὸν νόον οὔτε τὸν ἐσθλόν
 40 Σικελίδαν νίκημι τὸν ἐκ Σάμῳ οὔτε Φιλίταν
 ἀείδων, βάτραχος δὲ ποτ' ἀκρίδας ὡς τις ἐρίδω.
 ὡς ἐφάμαν ἐπίταδες· ὁ δ' αἰπόλος ἄδὼν γελάσσας,
 τάν τοι, ἔφα, κορύναν δωρύττομαι, οὐνεκεν ἐσσί
 πᾶν ἐπ' ἀλαθείαι πεπλασμένον ἐκ Διὸς ἔρνος.
 45 ὡς μοι καὶ τέκτων μέγ' ἀπέχθεται ὅστις ἐρευνήι
 Ἴσον ὄρουσ κορυφαῖ τελέσαι δόμον Ὀρομέδοντος,
 καὶ Μοικᾶν ὄρνηχεσ ὅσοι ποτὶ Χίον ἀοιδόν
 ἀντία κοκκύζοντες ἐτώσια μοχθίζοντι.
 ἀλλ' ἄγε βουκολικᾶσ ταχέως ἀρξώμεθ' ἀοιδᾶσ,
 50 Σιμιχίδα· κήγῳ μὲν — ὄρη, φίλος, εἴ τοι ἀρέσκει
 τοῦθ' ὅτι πρᾶν ἐν ὄρει τὸ μελύδριον ἐξεπόνασα.

 ἔσσεται Ἀγεάνακτι καλὸς πλόος ἐς Μιτυλήναν,
 χῶταν ἐφ' ἐσπερίοις Ἐρίφοις νότος ὑγρὰ διώκηι
 κύματα, χώριων ὅτ' ἐπ' ὠκεανῶι πόδας ἴσχει,
 55 αἶ κα τὸν Λυκίδαν ὀπτεύμενον ἐξ Ἀφροδίτας

A ele respondi: «Caro Lícidas, todos afirmam
 que tu és grande tocador de siringe entre os novilheiros
 e ceifeiros, facto com que muito se alegra
 30 o meu coração. Porém no meu espírito tenho
 a esperança de te igualar. Este é o caminho das Talísias.
 Amigos nossos oferecem um banquete a Deméter do belo peplo,
 oferecendo as primícias da colheita. Pois a deusa
 lhes encheu a ampla eira com pingue medida.
 35 Mas vamos: partilhemos o caminho, partilhemos a manhã;
 cantemos os cantos bucólicos. Talvez um beneficie o outro.
 Pois eu sou uma boca sonora das Musas e todos dizem
 que sou excelente cantor; mas eu não sou crédulo,
 nem pensar! Na minha opinião eu não venceria
 40 o distinto Sicélicas de Samos nem Filitas
 com o meu canto, mas seria uma rã a competir com gafanhotos.»
 Assim falei, de propósito. O cabreiro sorriu docemente
 e disse: «Oferecer-te-ei este cajado, pois és um rebento
 de Zeus, completamente plasmado para a verdade.
 45 Como me é detestável o construtor que se esforça
 por erigir uma grande casa tão alta como o cume
 do monte Oromedonte, assim como a passarada das Musas,
 que cacarejando contra o aedo de Quios se esforça em vão.
 Mas comecemos depressa os cantos bucólicos,
 50 ó Simíquidas! Quanto a mim — vê, ó amigo, se te agrada
 esta cançãozinha que compus recentemente na montanha.

 Haverá para Agéanax uma bela navegação para Mitilene,
 quando na altura dos vespertinos Cabritos o Noto perseguir
 as húmidas ondas e quando Oríon retiver os pés no Oceano,
 55 se ele salvar Lícidas, devorado por causa de Afrodite.

ῥύσεται· θερμὸς γὰρ ἔρωσ αὐτῷ με καταίθει.
 χάλκυνες στορεσεῦντι τὰ κύματα τάν τε θάλασσαν
 τόν τε νότον τόν τ' εὐρον, ὃς ἔσχατα φυκία κινεῖ,
 ἀλκύνες, γλαυκαῖς Νηρηΐσι ταί τε μάλιτα
 60 ὀρνίχων ἐφίληθεν, ὅσοις τέ περ ἔξ ἄλλος ἄγρα.
 Ἀγεάνακτι πλόον διζημένω ἐς Μιτυλήναν
 ὦρια πάντα γένοιτο, καὶ εὖπλοος ὄρμον ἴκοιτο.
 κηγῶ τήνο κατ' ἄμαρ ἀνήτινον ἢ ῥοδόεντα
 ἢ καὶ λευκοῖων στέφανον περὶ κρατὶ φυλάσσω
 65 τὸν Πτελεατικὸν οἶνον ἀπὸ κρατήρος ἀφυξῶ
 πὰρ πυρὶ κεκλιμένος, κύμιον δέ τις ἐν πυρὶ φρυξεῖ.
 χά στιβάς ἐσσεῖται πεπυκασμένα ἔστ' ἐπὶ πᾶχυν
 κνύζαι τ' ἀσφοδέλωι τε πολυγνάμπτωι τε σελίνωι.
 καὶ πίομαι μαλακῶς μεμναμένος Ἀγεάνακτος
 70 αὐταῖς ἐν κυλίκεσσι καὶ ἐς τρύγα χεῖλος ἐρείδων.
 αὐλησεῦντι δέ μοι δύο ποιμένες, εἰς μὲν Ἀχαρνεύς,
 εἰς δὲ Λυκωπίτας· ὁ δὲ Τίτυρος ἐγγύθεν αἰσεῖ
 ὡς ποκα τὰς Ξενέας ἠράσκατο Δάφνις ὁ βούτας,
 χῶς ὄρος ἀμπεπονεῖτο καὶ ὡς δρύες αὐτὸν ἐθρήνευν
 75 Ἴμέρα αἴτε φύοντι παρ' ὄχθαισιν ποταμοῖο,
 εὐτε χιών ὡς τις κατετάκετο μακρὸν ὑφ' Αἴμον
 ἢ Ἄθω ἢ Ῥοδόπαν ἢ Καύκασον ἐσχατόωντα.
 αἰσεῖ δ' ὡς ποκ' ἔδεκτο τὸν αἰπόλον εὐρέα λάρναξ
 ζῶν ἐόντα κακαῖσιν ἀτασθαλιαῖσιν ἄνακτος,
 80 ὡς τέ νιν αἰ σιμαὶ λειμωνόθε φέρβον ἰοῖσαι
 κέδρον ἐς ἀδείαν μαλακοῖς ἄνθεσσι μέλισσαι,
 οὐνεκά οἱ γλυκὴ Μοῖσα κατὰ στόματος χέε νέκταρ.
 ὦ μακαριστὲ Κομᾶτα, τὴν θην τάδε τερπνὰ πεπόνθεισ·
 καὶ τὸ κατεκλαίεσθαι ἐς λάρνακα, καὶ τὸ μελισσᾶν
 85 κηρία φερβόμενος ἔτος ὦριον ἐξεπόνασαι.

Pois ardente é o amor que me inflama por ele.
 Os alcíones acalmarão as ondas e o mar
 e o Noto e o Euro, que remexe as algas mais fundas:
 os alcíones, as mais amadas das aves pelas glaucas
 60 Nereides e por todos aqueles cujo sustento vem do mar.
 Que para Agéanax, que deseja navegar para Mitilene,
 tudo corra da melhor forma e que chegue bem ao destino.
 E eu, nesse dia, com uma coroa de aneto, de rosas
 ou de goivos brancos na cabeça, tirarei
 65 da cratera o vinho pteleático, esparramado
 ao pé da lareira; e alguém torrará favas ao lume.
 Haverá um leito de folhagem com a espessura
 de um côvado, um leito de coniza, asfódelo e aipo frisado.
 E beberei brandamente, lembrado de Agéanax,
 70 pondo os beiços nas próprias taças até à borra.
 Dois pastores para mim tocarão flauta: um de Acarnas,
 outro licópita; e Títiro, a meu lado, cantará
 como outrora Dáfnis, o boieiro, amou Xénea
 e como a montanha em redor se lamentou e o lamentaram
 75 os carvalhos que crescem nas margens do rio Hímera,
 enquanto ele se derretia como a neve no alto Hemo
 ou no Ato ou em Ródope ou no longínquo Cáucaso.
 Cantará como outrora o amplo cofre acolheu vivo
 o cabreiro, devido às malévolas demências de um amo;
 80 e como as abelhas de cara achatada vieram do prado
 para o cedro perfumado e o alimentaram com brandas flores,
 porque a Musa lhe derramara na boca o doce néctar.
 Ó bem-aventurado Comatas, sofreste coisas deliciosas!
 Também tu foste encerrado no cofre: alimentado pelo favo
 85 das abelhas passaste o ano com todas as suas estações.

αἴθ' ἐπ' ἐμεῦ ζωοῖς ἐναρίθμιος ὄφελος ἦμεν,
ὡς τοι ἐγὼν ἐνόμουν ἀν' ὄρεα τὰς καλὰς αἴγας
φωνᾶς εἰσαῖων, τὸ δ' ὑπὸ δρυσὶν ἢ ὑπὸ πεύκαις
ἀδὺν μελιδόμενος κατεκέκλιτο, θεῖε Κομάτα.

90 χῶ μὲν τόσσ' εἰπὼν ἀπεπαύσατο· τὸν δὲ μέτ' αὐθις
κῆγὼν τοῖ' ἐφάμαν· Λυκίδα φίλε, πολλὰ μὲν ἄλλα
Νύμφαι κῆμὲ διδάξαν ἀν' ὄρεα βουκολέοντα
ἐσθλά, τὰ που καὶ Ζηηὸς ἐπὶ θρόνον ἄγαγε φάμα·
ἀλλὰ τόγ' ἐκ πάντων μέγ' ὑπείροχον, ὦι τυ γεραίρειν
95 ἀρξέεμ'· ἀλλ' ὑπάκουσον, ἐπεὶ φίλος ἐπλεο Μοῖσσαις.

Κιμιχίδαι μὲν Ἔρωτες ἐπέπτарον· ἡ γὰρ ὁ δεῖλός
τόσσον ἐραῖ Μυρτοῦς ὅσον εἶαρος αἴγες ἔρανται.
Ἔρωτος δ' ὁ τὰ πάντα φιλαίτατος ἀνέρι τήνῳ
παιδὸς ὑπὸ σπλάγχνοις ἔχει πόθον· οἶδεν Ἄριστις,
100 ἐσθλὸς ἀνὴρ, μέγ' ἄριστος, ὃν οὐδέ κεν αὐτὸς αἰεῖδειν
Φοῖβος σὺν φόρμιγγι παρὰ τριπόδεσσι μεγάροις,
ὡς ἐκ παιδὸς Ἄρατος ὑπ' ὀστίον αἶθητ' ἔρωτι.
τόν μοι, Πᾶν, Ὀμόλας ἐρατὸν πέδον ὅτε λέλογχας,
ἄκλητον τήνοιο φίλας ἐς χεῖρας ἐρείσας,
105 εἴτ' ἔστ' ἄρα Φιλίνος ὁ μαλθακὸς εἴτε τις ἄλλος.
κεῖ μὲν ταῦτ' ἔρδοις, ὦ Πᾶν φίλε, μήτι τυ παῖδες
Ἄρκαδιοὶ κίλλαισι ὑπὸ πλευράς τε καὶ ὤμων
τανίκα μαστίζοιεν, ὅτε κρέα τυτθὰ παρείη·
εἰ δ' ἄλλως νεύσας, κατὰ μὲν χροῶ πάντ' ὀνύχεσσι
110 δακνόμενος κνάσαιο καὶ ἐν κνίδαισι καθεύδοις·
εἴης δ' Ἡδωνῶν μὲν ἐν ὤρεσι χεῖματι μέσσωι
Ἔβρον πᾶρ ποταμὸν τετραμμένον ἐγγύθεν Ἄρκτω,
ἐν δὲ θερεῖ πυμάτοισι παρ' Αἰθιοπέσσι νομεύοις

Quem me dera que estivesses ao meu lado entre os vivos:
ter-te-ia apascentado nas montanhas as lindas cabras
e teria ouvido a tua voz, enquanto sob os carvalhos e os pinheiros
te terias deitado, divino Comatas, cantando docemente.»

90 E ele, assim falando, calou-se. Pela minha parte logo
lhe respondi nestes termos: «Querido Lícidas, muitas outras coisas
me ensinaram as Ninfas enquanto apascentava as vacas na montanha:
boas canções, cuja fama já chegou porventura ao trono de Zeus.
Mas de todas esta canção é de longe superior, com a qual começarei
95 por te honrar. Ouve então, já que és amado pelas Musas.

Os Amores espirraram para Simíquidas. Pois o desgraçado
ama tanto Mirto como as cabras amam a primavera.
Porém Arato, homem em tudo muito meu amigo,
sente no coração o desejo por um rapaz. Aristis sabe-o,
100 homem valoroso, muito nobre, para quem nem o próprio
Febo desdenharia cantar de lira na mão junto das trípedes;
sabe que Arato está inflamado até ao tutano de amor pelo rapaz.
Ó Pã que obtiveste a agradável planície de Hómole,
põe-no sem ser chamado nos braços amantes do meu amigo,
105 quer seja o delicado Filino ou outro qualquer!
Se isto fizeres, caro Pã, que te não fustiguem nos flancos
e nos ombros os rapazes da Arcádia com cebolas albarrãs,
naquelas alturas em que a carne escasseia.
Mas se recusas, oxalá que mordido em todo o corpo
110 por comichões te coces e durmas em leito de urtigas.
Que estejas no meio do inverno nas montanhas dos Edonos,
seguindo o curso do rio Ebro próximo da Ursa,
e que no verão apascentes os rebanhos junto dos longínquos

- πέτραι ὑπο Βλεμύων, ὅθεν οὐκέτι Νεῖλος ὄρατός.
 115 ἤμμες δ' Ἰγτίδος καὶ Βυβλίδος ἀδὺ λιπόντες
 νᾶμα καὶ Οἰκοῦντα, ξανθᾶς ἔδος αἰπὺ Διώνας,
 ὦ μάλοισιν Ἔρωτες ἐρευθομένοισιν ὅμοιοι,
 βάλλετέ μοι τόξοισι τὸν ἱμερόεντα Φιλῖνον,
 βάλλετ', ἐπεὶ τὸν ξεῖνον ὁ δῦςμορος οὐκ ἔλεεῖ μεν.
 120 καὶ δὴ μὰν ἀπίοιο πεπαίτερος, αἱ δὲ γυναῖκες,
 αἰαῖ, φαντί, Φιλῖνε, τό τοι καλὸν ἄνθος ἀπορρεῖ.
 μηκέτι τοι φρουρέωμεν ἐπὶ προθύροισιν, Ἄρατε,
 μηδὲ πόδας τρίβωμεν· ὁ δ' ὄρθριος ἄλλον ἀλέκτωρ
 κοκκύσδων νάρκαισιν ἀνιαραῖσι διδοίη.
 125 εἰς δ' ἀπὸ τᾶσδε, φέριστε, Μόλων ἄγχοιτο παλαιστρας.
 ἄμμιν δ' ἀσυχία τε μέλοι, γραῖα τε παρεῖη
 ἄτις ἐπιφθύζοισα τὰ μὴ καλὰ νόσφιν ἐρύκοι.
- τόσς' ἐφάμαν· ὁ δέ μοι τὸ λαγωβόλον, ἀδὺ γελᾶσσας
 ὡς πάρος, ἐκ Μοικᾶν ξεινήιον ὥπασεν ἦμεν.
 130 χῶ μὲν ἀποκλίνας ἐπ' ἀριστερὰ τὰν ἐπὶ Πύξας
 εἶρφ' ὀδόν· αὐτὰρ ἐγὼν τε καὶ Εὐκριτος ἐς Φρασιδάμω
 στραφθέντες χῶ καλὸς Ἀμύντιχος ἐν τε βαθείαις
 ἀδείας σχοίνοιο χαμευνίσιν ἐκλίνθημεν
 ἐν τε νεοτμάτοισι γεγαθότες οἰναρέοισι.
 135 πολλαὶ δ' ἄμμιν ὑπερθε κατὰ κρατὸς δονέοντο
 αἴγειροι πετελαί τε· τὸ δ' ἐγγύθεν ἱερὸν ὕδωρ
 Νυμφᾶν ἐξ ἄντροιο κατειβόμενον κελάρυζε.
 τοὶ δὲ ποτὶ σκιαραῖς ὀροδαμνίσιν αἰθαλίωνες
 τέττιγες λαλαγεῦντες ἔχον πόνον· ἃ δ' ὀλολυγῶν
 140 τηλόθεν ἐν πυκιναισί βάτων τρύζεσκεν ἀκάνθαις·
 ἄιδον κόρυδοι καὶ ἀκανθίδες, ἔστενε τρυγῶν,
 πωτῶντο ζουθαὶ περὶ πίδακας ἀμφὶ μέλισσαι.

- Etíopes, sob o rochedo dos Blémios, donde o Nilo já não se vê.
 115 Mas vós, ó Amores, deixai a suave corrente de Hiétis e Bíblis,
 assim como o Ecunte, sede escarpada da loira Dione;
 vós, ó Amores, semelhantes a maçãs rosadas!
 Feri com vossos arcos o amorável Filino,
 feri-o! Pois o miserável não se compadece do meu amigo.
 120 Na verdade está já mais maduro que uma pera e as mulheres
 «ai, ai!» (dizem) «ó Filino, murcha a bela flor da tua beleza!»
 Não mais velemos, ó Arato, à sua porta,
 nem gastemos os pés. Que o galo matutino
 com seu canto entregue outro a desagradáveis torpores.
 125 Que neste ginásio só Mólou seja asfiziado.
 Interessemos-nos antes pela tranquilidade; e que venha
 uma velha para escarrar para longe as coisas feias.»
- Assim falei. E Lícidas, sorrindo suavemente, como antes,
 deu-me o cajado, como presente amigo da parte das Musas.
 130 Inletindo a direção, voltou para a esquerda e seguiu
 pelo caminho de Pixas. Porém eu e Eurito fomos
 para casa de Frásidamo com o belo Amintas
 e deitámo-nos, contentes, em leitos espessos
 de junco macio e pâmpanos cortados de fresco.
 135 Por cima das nossas cabeças se agitavam
 muitos choupos e ulmeiros. Perto, a água sagrada
 caía a murmurar da gruta das Ninfas.
 Nos ramos sombrios as negras cigarras,
 estridulando, não paravam de cantar. De longe,
 140 a rã coaxava nos densos acantos.
 Cantavam cotovias e pintassilgos; gemia a rola;
 as abelhas esvoaçavam a zumbir de volta das fontes.

πάντ' ὦσδεν θέρεος μάλα πίνος, ὦσδε δ' ὀπώρας.
 ὄχλαι μὲν παρ ποσσὶ, παρὰ πλευραῖσι δὲ μᾶλα
 145 δαψιλῆως ἀμῖν ἐκυλίνδετο, τοὶ δ' ἐκέχυντο
 ὄρπακες βραβίλοισι καταβρίθοντες ἔραζε·
 τετράενες δὲ πίθων ἀπελύετο κρατὸς ἄλειφαρ.
 Νύμφαι Κασταλίδες Παρνάσιον αἶπος ἔχουσιν,
 ἀρά γέ παι τοιόνδε Φόλω κατὰ λάινον ἄντρον
 150 κρατῆρ' Ἑρακλῆι γέρων ἐστάσατο Χίρων;
 ἀρά γέ παι τήνων τὸν ποιμένα τὸν ποτ' Ἀνάπῳ,
 τὸν κρατερὸν Πολύφαμον, ὃς ὥρεσι νᾶας ἔβαλλε,
 τοῖον νέκταρ ἔπεισε κατ' αὐλῖα ποσσὶ χορεῦσαι,
 οἷον δὴ τόκα πῶμα διεκρανάσατε, Νύμφαι,
 155 βωμῶι παρ Δάματρος ἀλωίδος; ἄς ἐπὶ σωρῶι
 αὐτίκ' ἐγὼ πάξαιμι μέγα πτύον, ἃ δὲ γελάσσαι
 δράγματα καὶ μάκωνας ἐν ἀμφοτέραισιν ἔχουσα.

O Ciclope (Idílio XI)

Οὐδὲν ποττὸν ἔρωτα πεφύκει φάρμακον ἄλλο,
 Νικία, οὐτ' ἔγχριστον, ἐμὴν δοκεῖ, οὐτ' ἐπίπαστον,
 ἢ ταῖ Πιερίδες· κοῦφον δέ τι τοῦτο καὶ ἀδύ
 γίνετ' ἐπ' ἀνθρώποις, εὐρεῖν δ' οὐ ράιδιόν ἐστι.
 5 γινώσκειν δ' οἶμαί τυ καλῶς ἱατρὸν ἐόντα
 καὶ ταῖς ἐννέα δὴ πεφιλημένον ἔξοχα Μοῖσαις.
 οὐτῶ γοῦν ράιστα διαγ' ὁ Κύκλωψ ὁ παρ' ἀμῖν,
 ὠρχαῖος Πολύφαμος, ὃκ' ἤρατο τᾶς Γαλατείας,
 ἄρτι γενειάδων περὶ τὸ στόμα τῶς κροτάφως τε.
 10 ἤρατο δ' οὐ μάλοισι οὐδὲ ρόδωι οὐδὲ κικίννοισι,

Tudo cheirava a verão bem abundante, à estação dos frutos.
 Havia peras aos nossos pés; ao lado tínhamos maçãs
 145 a rolarem com abundância; os ramos pendiam
 até ao chão com o peso dos abrunhos.
 O selo de quatro anos foi retirado da tampa dos jarros.
 Ninfas Castálides, que detendes o íngreme Parnaso!
 Terá sido uma taça como esta que o velho Quíron
 150 serviu a Hércules no antro de Folo?
 Foi néctar como este que outrora pôs o pastor do Anapo,
 o possante Polifemo, que alvejou naus com montanhas,
 a executar passos de dança no meio dos redis?
 Foi uma bebida assim, ó Ninfas, que vertestes
 155 junto do altar de Deméter, deusa da eira? Pudesse eu
 cravar de novo no monte da deusa a pá de joeirar!
 Que ele me sorrisse, com as mãos cheias de espigas e papoilas.

O Ciclope (Idílio XI)

Outro fármaco não há que cure o amor, ó Nícias,
 nem unguento, segundo me parece, nem pó para aplicar,
 a não ser as Musas. Indolor e suave é este remédio
 para os homens, mas não é fácil de encontrar.
 5 Sei que estás bem consciente disto, pois és médico
 e és excepcionalmente amado pelas nove Musas.
 Deste modo o Ciclope, meu conterrâneo, aguentou
 facilmente — o antigo Polifemo — quando amou Galateia,
 quando à volta da boca e nas têmporas lhe crescia a barba.
 10 Não amava com maçãs, nem com rosas ou madeixas de cabelo,

ἀλλ' ὀρθαῖς μανίαις, ἀγεῖτο δὲ πάντα πάρεργα.
 πολλάκι ται ὄιες ποτὶ τωῦλιον αὐταὶ ἀπῆνθον
 χλωρᾶς ἐκ βοτάνας· ὁ δὲ τὰν Γαλάτειαν αἰείδων
 αὐτὸς ἐπ' αἰόνος κατετάκετο φυκιοέσσης
 15 ἔξ ἁοῦς, ἔχθιστον ἔχων ὑποκάρδιον ἔλκος,
 Κύπριδος ἐκ μεγάλας τό οἱ ἥπατι πᾶζε βέλεμον.
 ἀλλὰ τὸ φάρμακον εὔρε, καθεζόμενος δ' ἐπὶ πέτρας
 ὑψηλᾶς ἐς πόντον ὄρων αἰεῖδε τοιαῦτα·

Ὡ λευκὰ Γαλάτεια, τί τὸν φιλέοντ' ἀποβάλλη,
 20 λευκότερα πακτᾶς ποτιδεῖν, ἀπαλωτέρα ἄρνός,
 μόσχῳ γαυροτέρα, φιαρωτέρα ὄμφακος ὠμᾶς;
 φοιτῆς δ' αὐθ' οὕτως ὄκκα γλυκὺς ὕπνος ἔχη με,
 οἴχη δ' εὐθὺς ἰοῖς ὄκκα γλυκὺς ὕπνος ἀνή με,
 φεύγει δ' ὥσπερ ὄις πολὺν λύκον ἀθρήσασα;
 25 ἠράσθην μὲν ἔγωγε τεοῦς, κόρα, ἀνίκα πρᾶτον
 ἦνθες ἐμαῖ σὺν ματρὶ θέλοισ' ὑακίνθινα φύλλα
 ἔξ ὄρεος δρέψασθαι, ἐγὼ δ' ὄδδὸν ἀγεμόνευον.
 παύσασθαι δ' ἐσιδὼν τυ καὶ ὕστερον οὐδ' ἔτι παι νῦν
 ἐκ τήνῳ δύναμαι· τιν δ' οὐ μέλει, οὐ μὰ Δί' οὐδέν.
 30 γινώσκω, χαρίεσσα κόρα, τίνος οὐνεκα φεύγει·
 οὐνεκά μοι λασία μὲν ὄφρυς ἐπὶ παντὶ μετώπῳ
 ἔξ ὠτὸς τέταται ποτὶ θώτερον ὥς μία μακρά,
 εἰς δ' ὄφθαλμὸς ὕπεστι, πλατεῖα δὲ ρίς ἐπὶ χεῖλει.
 ἀλλ' οὗτος τοιοῦτος ἐὼν βοτὰ χίλια βόσκω,
 35 κῆκ τούτων τὸ κράτιστον ἀμελγόμενος γάλα πίνω·
 τυρὸς δ' οὐ λείπει μ' οὔτ' ἐν θέρει οὔτ' ἐν ὀπώραι,
 οὐ χειμῶνος ἄκρω· ταρσοὶ δ' ὑπεραχθέες αἰεῖ.
 κυρίδεν δ' ὥς οὔτις ἐπίσταμαι ὧδε Κυκλώπων,
 τίν, τὸ φίλον γλυκύμαλον, ἀμαῖ κῆμαυτὸν αἰείδων

mas com autêntica loucura. Tudo o resto para ele não contava.
 Muitas vezes regressaram as ovelhas por si próprias ao redil,
 vindas da verde pastagem. Ele, por seu lado, cantava
 Galateia na praia cheia de algas, derretido de amor,
 15 logo desde manhã, com uma ferida odiosa no peito,
 que lhe cravara no coração a flecha da grande Cípris.
 Mas encontrou o remédio; e sentado numa rocha
 elevada, olhava para o mar e assim cantava:

«Ó branca Galateia, porque rejeitas quem te ama,
 20 ó mais branca que o coalho, mais macia que o cordeiro,
 mais arisca que a novilha, mais lustrosa que a uva nova?
 Porque assim te aproximavas quando o doce sono me domina,
 mas logo te retiras quando o doce sono me abandona
 e foges como a ovelha que viu um lobo cinzento?
 25 Apaixonei-me por ti, ó donzela, quando primeiro
 vieste com a minha mãe para colher jacintos
 no monte; fui eu que vos mostrei o caminho.
 Depois de te ter visto, não consigo parar de te amar,
 até ao dia de hoje. Mas isso, por Zeus, não te rala nada.
 30 Eu sei, linda donzela, por que razão foges de mim.
 É porque tenho um sobrolho hirsuto em toda a testa,
 sobrolho único, que se estende de orelha a orelha;
 e por baixo tenho só um olho e ampla é a narina
 por cima do meu beijo. Mas assim como sou
 35 apascento mil vacas; ordenho-as e bebo o melhor leite.
 Não me falta queijo, nem no verão, nem no outono,
 nem no pino do inverno; as prateleiras estão sempre carregadas.
 Sei tocar siringe como ninguém dos Ciclopes daqui;
 canto-te, amada maçã doce, assim como a mim,

40 πολλάκι νυκτὸς ἄωρί. τράφω δέ τοι ἔνδεκα νεβρώς,
πάσας μαννοφόρως, καὶ σκύμνω τέσσαρας ἄρκτων.

ἀλλ' ἀφίκευσο ποῦ' ἀμέ, καὶ ἐξεῖς οὐδὲν ἔλασσον,
τὰν γλαυκὰν δὲ θάλασσαν ἕα ποτὶ χέρσον ὀρεχθεῖν.
ἄδιον ἐν τῶντρῳ παρ' ἐμὶν τὰν νύκτα διαξεῖς.

45 ἐντὶ δάφναι τηνεῖ, ἐντὶ ραδιναὶ κυπάρισσοι,
ἔστι μέλας κισσός, ἔστ' ἄμπελος ἅ γλυκύκαρπος,
ἔστι ψυχρὸν ὕδωρ, τό μοι ἅ πολυδένδρεος Αἴτνα
λευκᾶς ἐκ χιόνος ποτὸν ἀμβρόσιον προΐητι.
τίς κα τῶνδε θάλασσαν ἔχειν καὶ κύμαθ' ἔλοιτο;

50 αἱ δέ τοι αὐτὸς ἐγὼν δοκέω λασιώτερος ἤμεν,
ἐντὶ δρυὸς ξύλα μοι καὶ ὑπὸ σποδῶι ἀκάματον πῦρ·
καϊόμενος δ' ὑπὸ τεῦς καὶ τὰν ψυχὰν ἀνεχοίμαν
καὶ τὸν ἐν' ὀφθαλμόν, τῷ μοι γλυκερώτερον οὐδέν.
ᾧ μοι, ὅτ' οὐκ ἔτεκέν μ' ἅ μάτηρ βράγχι' ἔχοντα,
55 ὡς κατέδυν ποτὶ τὴν καὶ τὰν χέρα τεῦς ἐφίλησα,
αἱ μὴ τὸ στόμα λῆις, ἔφερον δέ τοι ἡ κρίνα λευκά
ἡ μάκων' ἀπαλὰν ἐρυθρὰ πλάταγώνι' ἔχοιαν.
ἀλλὰ τὰ μὲν θέρεος, τὰ δὲ γίνεταί ἐν χειμῶνι,
ὥστ' οὐ κά τοι ταῦτα φέρειν ἅμα πάντ' ἐδυνάθην.

60 νῦν μάν, ᾧ κόριον, νῦν αὐτίκα νεῖν γε μαθεῦμαι,
αἱ κά τις σὺν ναὶ πλέων ξένος ᾧδ' ἀφίκηται,
ὡς εἰδῶ τί ποχ' ἀδὺ κατοικεῖν τὸν βυθὸν ὕμμιν.
ἐξένηθοις, Γαλάτεια, καὶ ἐξενθοῖσα λάθοιο,
ὥσπερ ἐγὼ νῦν ᾧδε καθήμενος, οἴκαδ' ἀπενθεῖν.

65 ποιμαίνειν δ' ἐθέλοισ σὺν ἐμὶν ἅμα καὶ γάλ' ἀμέλγειν
καὶ τυρὸν πᾶσαι τάμισον δριμεῖαν ἐνεῖσα.
ἅ μάτηρ ἀδικεῖ με μόνα, καὶ μέμφομαι αὐτᾶι.
οὐδὲν πῆποχ' ὄλωσ ποτὶ τὴν φίλον εἶπεν ὑπέρ μευ,

40 amiúde a meio da noite. Estou a criar para ti onze gamos,
todos adornados com coleiras, e quatro crias de urso.

Chega-te ao pé de mim; não te acontecerá nada de mal.
Deixa o mar glauco marulhar contra a costa;
passarás mais suavemente a noite no antro comigo.

45 Há loureiros e esguios ciprestes;
há hera escura e há uma vinha de fruto doce.
Há água fresca, que o Etna de muitas árvores
me faz jorrar da branca neve, bebida divina!
Quem preferiria a estas coisas o mar e as ondas?

50 Mas se eu próprio te pareço demasiado hirsuto,
tenho lenha de carvalho e fogo indefetível debaixo das brasas.
Chamuscado por ti, oferecer-te-ia a minha alma
e o meu único olho, a coisa que me é mais doce.
Ai de mim! Minha mãe não me deu à luz com guelas,
55 para que pudesse mergulhar e beijar-te a mão,
se não quisesses beijar-me a boca; levava-te flores brancas,
galantos, ou a branda papoila com pétalas de escarlata.
Mas uma flor nasce no verão; outra no inverno:
de sorte que não te poderia levar as duas juntas.

60 Agora, ó donzela, será agora que aprenderei a nadar,
se algum estrangeiro aqui aportar na sua nau,
para que eu saiba como vos é doce viver no mar.
Sai do mar, Galateia! E ao saíres esquece-te,
como eu que aqui estou sentado, de voltares para casa.

65 Queiras ser pastora comigo, queiras ordenhar o leite
e solidificar o queijo com ácido coalho.
É a minha mãe que me prejudica; é dela que me queixo.
Nunca ela te disse palavra amável a meu respeito,

- καὶ ταῦτ' ἄμαρ ἐπ' ἄμαρ ὀρεῦσά με λεπτόνοντα.
 70 φασὼ τὰν κεφαλὰν καὶ τὼς πόδας ἀμφοτέρωσ με
 σφύσδειν, ὡς ἀνιαθῆι, ἐπεὶ κήγγων ἀνιῶμαι.
 ὦ Κύκλωψ Κύκλωψ, πᾶι τὰς φρένας ἐκπετότασαι;
 αἶ κ' ἐνθῶν ταλάρωσ τε πλέκοισ καὶ θαλλὸν ἀμάσασ
 ταῖσ ἄρνεσσὶ φέροισ, τάχα κα πολὺ μᾶλλον ἔχοισ νῶν.
 75 τὰν παρεοῖσαν ἄμελγε· τί τὸν φεύγοντα διώκεισ;
 εὐρησεῖσ Γαλάτειαν ἴωσ καὶ καλλίον' ἄλλαν.
 πολλαὶ κυπαῖσδεν με κόραι τὰν νύκτα κέλονται,
 κηχλίζοντι δὲ πᾶσαι, ἐπεὶ κ' αὐταῖσ ὑπακούωσ.
 δῆλον ὅτ' ἐν ταῖ γαῖ κήγγων τισ φαίνομαι ἦμεν.
 80 Οὕτω τοι Πολύφαμοσ ἐποίμαινε τὸν ἔρωτα
 μουσίδωσ, ῥᾶιον δὲ διαγ' ἦ εἰ χρυσοῦν ἔδωκεν.

As Siracusanas (Idílio XV)

ΓΟΡΓΩ

Ἔνδοι Πραξίνοα;

ΠΡΑΞΙΝΟΑ

Γοργὼ φίλα, ὡσ χρόνωι. ἔνδοι.
 θαῦμ' ὅτι καὶ νῦν ἦνθεσ. ὄρη δρίφον, Εὐνόα, αὐτᾶ·

ἔμβαλε καὶ ποτίκρανον.

ΓΟΡΓΩ

ἔχει κάλλιστα.

- embora me veja a ficar mais magro de dia para dia.
 70 Dir-lhe-ei que a cabeça e ambos os pés
 me doem, para que ela sofra, já que também sofro.
 Ó Ciclope, Ciclope: para onde voou o teu juízo?
 Se fosses entretecer cestos para os queijos e buscar
 verdes rebentos para os cordeiros, terias muito mais juízo.
 75 Ordenha a ovelha ao teu lado; porque persegues quem foge?
 Encontrarás outra Galateia, ainda mais bela.
 Muitas donzelas me convidam a passar a noite com elas
 e riem-se todas, quando lhes dou ouvidos.
 Parece claro que, em terra, aparento ser alguém.»
 80 Assim Polifemo apascentava o seu amor com música.
 E passou melhor do que se tivesse gastado dinheiro.

As Siracusanas (Idílio XV)

GORGO

Praxínoa está em casa?

PRAXÍNOA

Gorgo, querida! Há que tempo! Estou em casa, sim!
 Até acho um espanto que agora tenhas vindo. Vê aí uma cadeira,
 Êunoa, para ela.

E atira também uma almofada.

GORGO

Está ótimo assim.

ΠΡΑΞΙΝΟΑ

καθίζευ.

ΓΟΡΓΩ

- ὦ τὰς ἀλεμάτω ψυχᾶς· μόλις ὑμῖν ἐσώθην,
 5 Πραξινοά, πολλῶ μὲν ὄχλω, πολλῶν δὲ τεθρίππων.
 πανταῖ κρηπίδες, πανταῖ χλαμυδηφόροι ἄνδρες·
 ἅ δ' ὁδὸς ἄτρυτος· τὸ δ' ἑκατέρω αἰὲν ἀποικεῖς.

ΠΡΑΞΙΝΟΑ

- ταῦθ' ὁ πάραρος τῆνος· ἐπ' ἔσχατα γὰρ ἔλαβ' ἐνθῶν
 ἰλεόν, οὐκ οἴκησιν, ὅπως μὴ γείτονες ὤμεε
 10 ἀλλάλαις, ποτ' ἔριν, φθονερὸν κακόν, αἰὲν ὁμοῖος.

ΓΟΡΓΩ

μὴ λέγε τὸν τεὸν ἄνδρα, φίλα, Δίνωνα τοιαῦτα
 τῷ μικρῷ παρεόντος· ὄρη, γύναι, ὡς ποθορῆι τυ.
 θάρσει, Ζωπυρίων, γλυκερὸν τέκος· οὐ λέγει ἀπφῦν.

ΠΡΑΞΙΝΟΑ

αἰσθάνεται τὸ βρέφος, ναὶ τὰν πότνιαν.

ΓΟΡΓΩ

καλὸς ἀπφῦς.

ΠΡΑΞΙΝΟΑ

- 15 ἀπφῦς μὰν τῆνός γα πρόαν (λέγομεε δὲ πρόαν θην·
 πάππα, νίτρον καὶ φῦκος ἀπὸ σκανᾶς ἀγοράσδειν)
 ἱκτο φέρων ἄλας ἄμμιν, ἀνήρ τρικαιδεκάπαχος.

PRAXÍNOA

Senta-te!

GORGO

- Ai desta vida desgraçada! A custo me salvei até vós,
 5 Praxínoa, de tanta multidão, de tantas quadrigas!
 Por toda a parte calçado militar, por toda a parte homens de capa.
 Mas que caminho interminável. Tu vives sempre cada vez mais longe.

PRAXÍNOA

- Isso é aquele louco. Veio para o fim do mundo e comprou
 um covil — pois isto não é uma casa — para que não fôssemos vizinhas
 10 uma da outra, por despeito, mau e invejoso: sempre o mesmo.

GORGO

Não fales assim do teu marido, querida, do Dínono,
 quando o miúdo está presente. Vê, mulher, como ele olha para ti.
 Anima-te, Zopírio, doce menino! Ela não está a falar do paizinho.

PRAXÍNOA

O miúdo entende, valha-me a deusa!

GORGO

O paizinho é lindo!

PRAXÍNOA

- 15 Pois esse paizinho há dias (há dias eu digo-lhe:
 «Papá, vai à loja comprar nitrato e tinta vermelha»)
 trouxe-me sal, esse homem de treze côvados.

ΓΟΡΓΩ

χῶμὸς ταυτᾶι ἔχει· φθόρος ἀργυρίῳ Διοκλείδας·
 ἑπταδράχμῳς κυνάδας, γραιᾶν ἀποτίλματα πηρᾶν,
 20 πέντε πόκῳς ἔλαβ' ἔχθές, ἅπαν ῥύπον, ἔργον ἐπ' ἔργῳι.

ἀλλ' ἴθι, τῶμπέχονον καὶ τὰν περονατρίδα λάζευ.
 βᾶμες τῷ βασιλῆος ἐς ἀφνειῷ Πτολεμαίῳ
 θαρόμεναι τὸν Ἄδωνιν· ἀκούω χρῆμα καλόν τι
 κομεῖν τὰν βασιλίσσαν.

ΠΡΑΞΙΝΟΑ

ἐν ὀλβίῳ ὀλβια πάντα.

ΓΟΡΓΩ

25 ὦν ἴδες, ὦν εἴπαις κεν ἰδοῖσα τὸ τῷ μὴ ἰδόντι.
 ἔρπειν ὦρα κ' εἴη.

ΠΡΑΞΙΝΟΑ

ἀεργοῖς αἰὲν ἑορτά.

Εὐνόα, αἶρε τὸ νῆμα καὶ ἐς μέσον, αἰνόδρυπτε,
 θὲς πάλιν· αἰ γαλέαι μαλακῶς χρήζοντι καθεύδειν.
 κινεῦ δὴ· φέρε θᾶσσον ὕδωρ· ὕδατος πρότερον δεῖ,
 30 ἃ δὲ κυμαῖα φέρει· δὸς ὅμῳς· μὴ δὴ πολὺ, λαιστρί.
 ἔγχει ὕδωρ· δύτανε, τί μευ τὸ χιτώνιον ἄρδεις;
 παῦε ποχ'· οἶα θεοῖς ἐδόκει, τοιαῦτα νένιμμαι.
 ἃ κλαῖξ τὰς μεγάλας πεί λάρνακος; ὦδε φέρ' αὐτάν.

ΓΟΡΓΩ

Πραξίνοα, μάλα τοι τὸ καταπτυχὲς ἐμπορόναμα
 35 τοῦτο πρέπει· λέγε μοι, πόσσῳ κατέβα τοι ἀφ' ἰστώ;

GORGÓ

O meu é a mesma coisa. Diocledes é a ruína do dinheiro.
 Sete dracmas de pelos de cão, restos de alforques velhos,
 20 cinco peles comprou ele ontem, tudo uma porcaria, trabalho sobre
 trabalho.

Mas vai, põe o vestido e a tua capa.
 Vamos para <o palácio> do afortunado rei Ptolemeu,
 para vermos o Adónis. Ouço dizer que algo de belo
 a rainha preparou.

PRAXÍNOA

Em <casa> de rico tudo é rico.

GORGÓ

25 As coisas que vires, poderás contá-las a quem não viu.
 Está na hora de irmos.

PRAXÍNOA

Para quem não trabalha é sempre dia de festa.

Êunooa, pega no novelo e no meio da sala, ó esbofeteada,
 o põe de novo! As gatas gostam de dormir no macio.
 Põe-te a mexer. Traz água, depressa. Primeiro é preciso água,
 30 e ela traz sabão. Dá na mesma. Não ponhas de mais, sua ladra.
 Entorna água. Estúpida, porque estás a regar a minha roupa?
 Podes parar. Como aos deuses aprouve, assim me lavei.
 Onde está a chave do baú grande? Trá-la cá.

GORGÓ

Praxínoa, que bem te fica esse vestido pagueado!
 35 Diz-me, por quanto te saiu ele do tear?

ΠΡΑΞΙΝΟΑ

μή μνάσῃς, Γοργοῖ· πλέον ἀργυρίῳ καθαρῷ μνάῳ
ἢ δύο· τοῖς δ' ἔργοις καὶ τὰν ψυχὰν ποτέθηκα.

ΓΟΡΓΩ

ἀλλὰ κατὰ γνώμαν ἀπέβα τοι· τοῦτό κεν εἶπαις.

ΠΡΑΞΙΝΟΑ

τῷμπέχονον φέρε μοι καὶ τὰν θολίαν· κατὰ κόσμον
40 ἀμφίθεσ· οὐκ ἄξῳ τυ, τέκνον. Μορμῷ, δάκνει ἵππος.
δάκρυ' ὅσσα θέλεις, χλωὸν δ' οὐ δεῖ τυ γενέσθαι.
ἔρπωμες. Φρυγία, τὸν μικκὸν παῖςδε λαβοῖσα,
τὰν κύν' ἔσω κάλεσον, τὰν αὐλείαν ἀπόκλαιξον.
ὦ θεοί, ὅσσοι ὄχλος. πῶς καὶ πόκα τοῦτο περᾶσαι
45 χρῆ τὸ κακόν; μύρμακες ἀνάριθμοι καὶ ἄμετροι.
πολλά τοι, ὦ Πτολεμαίε, πεποιήται καλὰ ἔργα,
ἐξ ὧ ἐν ἀθανάτοισι ὁ τεκνών· οὐδεὶς κακοεργός
δαλεῖται τὸν ἰόντα παρέρπων Αἰγυπτιστί,
οἷα πρὶν ἐξ ἀπάτας κεκροτημένοι ἄνδρες ἔπαιδον,
50 ἀλλάλοισι ὀμαλοί, κακὰ παίχνια, πάντες ἀραῖοι.
ἀδίστα Γοργῷ, τί γενώμεθα; τοῖς πολεμισταῖς
ἵπποι τῷ βασιλῆος· ἄνερ φίλε, μή με πατήσῃς.
ὀρθὸς ἀνέστα ὁ πυρρός· ἴδ' ὡς ἄγριος· κυνοθαρσής
Εὐνόα, οὐ φευξή; διαχρησέεται τὸν ἄγοντα.
55 ὠνάθην μεγάλως ὅτι μοι τὸ βρέφος μένει ἔνδον.

ΓΟΡΓΩ

θάρσει, Πραξινόα· καὶ δὴ γεγενήμεθ' ὅπισθεν,
τοὶ δ' ἔβαν ἐς χώραν.

PRAXÍNOA

Não me lembres, Gorgo! Mais de duas minas de bom dinheiro.
Quanto aos enfeites, até a minha vida pus neles.

GORGO

Mas não há dúvida de que te saíu bem. Isso poderás dizer.

PRAXÍNOA

Traz-me a capa e o chapéu. Põe-mos como deve ser.
40 Não te levarei, filho. Olha o papão! O cavalo morde!
Chora o que quiseres, não quero que fiques coxo.
Vamos. Frígia, pega no miúdo e brinca com ele.
Chama a cadela para dentro; tranca a porta da frente.
Ó deuses, que multidão! Como e quando é que conseguiremos
45 atravessar esta desgraça? Formigas, inumeráveis e impossíveis de medir!
Muitas coisas boas, ó Ptolemeu, foram feitas,
desde que o teu pai está entre os imortais. Nenhum malandro
aborda o transeunte serpenteando-se à egípcia,
tal como antes esses homens feitos de fraude nos enganavam,
50 uns iguais aos outros, intrujões do pior, todos malditos.
Caríssima Gorgo, que será de nós? Os cavalos de guerra
do rei! Caro senhor, não me pises.
O cavalo ruivo empinou-se. Vê como é perigoso. Ênuoa,
afasta-te, desavergonhada! O cavalo vai dar cabo do cavaleiro.
55 Como estou feliz porque o miúdo ficou em casa.

GORGO

Anima-te, Praxínoa. Já conseguimos ficar para trás;
eles foram para o lugar deles.

ΠΡΑΞΙΝΟΑ

καὐτὰ συναγείρομαι ἤδη.
ἵππον καὶ τὸν ψυχρὸν ὄφιν τὰ μάλιτα δεδοίκα
ἐκ παιδός. σπεύδωμεν. ὄχλος πολὺς ἄμμιν ἐπιρρεῖ.

ΓΟΡΓΩ

60 ἔξ αὐλας, ὦ μάτερ;

ΓΡΑΥC

ἐγών, τέκνα.

ΓΟΡΓΩ

εἶτα παρενθεῖν
εὐμαρές;

ΓΡΑΥC

ἐς Τροίαν πειρώμενοι ἦνθον Ἀχαιοί,
κάλλιστα παίδων· πείραι θην πάντα τελεῖται.

ΓΟΡΓΩ

χρησιμῶς ἂν πρεσβῦτις ἀπώιχeto θεσπίξασα.

ΠΡΑΞΙΝΟΑ

πάντα γυναῖκες ἴσαντι, καὶ ὡς Ζεὺς ἀγάγεθ' Ἴφραν.

ΓΟΡΓΩ

65 θᾶσαι, Πραξινοά, περὶ τὰς θύρας ὄσσοις ὄμιλος.

ΠΡΑΞΙΝΟΑ

θεσπέσιος. Γοργοῖ, δὸς τὰν χέρα μοι· λάβε καὶ τύ,
Εὐνόα, Εὐτυχίδος· πότεχ' αὐτὰς μὴ ἀποπλαγχθῆσις.

PRAXÍNOA

E eu já estou a recuperar.
Cavalo e cobra fria é o que mais me mete medo
desde criança. Apressemos-nos. Uma multidão vem em direção a nós.

GORGO

60 És do palácio, ó mãe?

VELHA

Sou sim, filhas.

GORGO

Então é fácil lá entrar?

VELHA

Esforçando-se, os Aqueus entraram em Troia,
minhas lindas meninas! É tentando que tudo se faz.

GORGO

A velha debitou os seus oráculos e desapareceu.

PRAXÍNOA

As mulheres sabem tudo — até como Zeus casou com Hera.

GORGO

65 Olha, Praxínoa, que multidão à volta das portas.

PRAXÍNOA

Tremenda! Gorgo, dá-me a mão. E tu, Êunoa,
pega na de Êutiquis. E não te afastes dela.

πᾶσαι ἄμ' εἰσένθωμε· ἀπρὶξ ἔχευ, Εὐνόα, ἀμῶν.
οἶμοι δειλαία, δίχα μοι τὸ θερίστριον ἤδη
70 ἔσχεται, Γοργοῖ. ποττῶ Διός, εἴ τι γένοιο
εὐδαίμων, ἄνθρωπε, φυλάσσεο τῶμπέχονόν μευ.

ΞΕΝΟC

οὐκ ἐπ' ἐμὶν μὲν, ὁμῶς δὲ φυλάζομαι.

ΠΡΑΞΙΝΟΑ

ὄχλος ἀλαθέως·

ὠθεῦνθ' ὥσπερ ὕεσ.

ΞΕΝΟC

θάρσει, γύναι· ἐν καλῶι εἰμέσ.

ΠΡΑΞΙΝΟΑ

κῆς ὥρας κῆπειτα, φίλ' ἀνδρῶν, ἐν καλῶι εἴησ,
75 ἄμμε περιτέλλων. χρηστῶ κοίκτίρμονος ἀνδρός.
φλίβεται Εὐνόα ἄμμιν. ἄγ', ὦ δειλὰ τύ, βιάζευ.
κάλλιστ'· ἔνδοι πᾶσαι, ὁ τὰν νυδὸν εἶπ' ἀποκλαίξας.

ΓΟΡΓΩ

Πραξίνοα, πόταγ' ὦδε. τὰ ποικίλα πρᾶτον ἄθρησον,
λεπτὰ καὶ ὡς χαρίεντα· θεῶν περονάματα φασεῖς.

ΠΡΑΞΙΝΟΑ

80 πότνι' Ἀθαναία, ποῖαί σφ' ἐπόνασαν ἔριθοι,
ποῖοι ζωογράφοι τὰκριβέα γράμματ' ἔγραψαν.
ὡς ἔτυμ' ἐστάκαντι καὶ ὡς ἔτυμ' ἐνδινεῦντι,

Entremos todas juntas. Fica perto de nós, Êunoa!
Ai de mim, o meu xaile já está rasgado em dois,
70 Gorgo! Por Zeus, se queres ser feliz,
ó homem, tem cuidado com a minha capa!

UM ESTRANHO

Não depende de mim, mas terei cuidado na mesma.

PRAXÍNOA

Uma verdadeira multidão.

Empurram-se como porcos.

UM ESTRANHO

Anima-te, mulher! Já estamos bem.

PRAXÍNOA

75 E que de ora em diante, caro senhor, estejas sempre bem,
tão gentil para conosco. Que homem prestável e simpático.
A nossa Êunoa está a ficar esmagada. Vá lá, ó parvinha: empurra!
Ótimo. «Todas dentro», disse quem fechou a noiva à chave.

GORGO

Praxínoa, vem cá. Olha primeiro para as tapeçarias,
que delicadas e graciosas! Dirias que são vestes dos deuses!

PRAXÍNOA

80 Soberana Atena, como se esforçaram as tecedeiras,
como os artistas desenharam com precisão os desenhos!
Como as figuras parecem verdadeiras, como parecem mexer-se
de verdade!

ἔμψυχ', οὐκ ἐνυφαντά. σοφόν τι χρῆμ' ἄνθρωπος.
 αὐτὸς δ' ὡς θαητὸς ἐπ' ἀργυρέας κατάκειται
 85 κλισμῶ, πρᾶτον ἴουλον ἀπὸ κροτάφων καταβάλλων,
 ὁ τριφίλητος Ἄδωνις, ὁ κῆν Ἀχέροντι φιληθείς.

ΕΤΕΡΟΣ ΞΕΝΟΣ

παύσαθ', ὦ δύστανοι, ἀνάνυτα κωτίλλοισαι,
 τρυγόνες· ἐκκναιεῦντι πλατειάδοισαι ἅπαντα.

ΠΡΑΞΙΝΟΑ

μᾶ, πόθεν ἄνθρωπος; τί δὲ τίν, εἰ κωτίλαι εἰμέες;
 90 πακάμενος ἐπίτασσε· Συρακοσίαίς ἐπιτάσσεις.
 ὡς εἰδήεις καὶ τοῦτο, Κορίνθιαί εἰμέες ἄνωθεν,
 ὡς καὶ ὁ Βελλεροφῶν. Πελοποννασιεὶ λαλεῦμεν,
 Δωρίεσθαι δ' ἔξεστι, δοκῶ, τοῖς Δωρίεσσι.
 μὴ φύη, Μελιτώδες, ὅς ἀμῶν καρτερὸς εἴη,
 95 πλὰν ἑνός. οὐκ ἀλέγω. μή μοι κενεᾶν ἀπομάχη.

ΓΟΡΓΩ

σίγη, Πραξινοά· μέλλει τὸν Ἄδωνιν αἰεῖδεν
 ἅ τὰς Ἀργείας θυγάτηρ, πολυίδρις αἰιδός,
 ἅτις καὶ πέρυσι τὸν ἰάλμενον ἀρίστευσε.
 φθεγγεῖται τι, κάφ' οἶδα, καλόν· διαχρέμπτεται ἤδη.

ΓΥΝΗ ΑΟΙΔΟΣ

100 Δέσποιν', ἃ Γολγῶς τε καὶ Ἰδάλιον ἐφίλησας
 αἰπεινάν τ' Ἔρυκα, χρυσῶι παιζοῖς Ἀφροδίτα,
 οἷόν τοι τὸν Ἄδωνιν ἀπ' ἀενάω Ἀχέροντος
 μηνὶ δωδεκάτῳ μαλακαὶ πόδας ἄγαγον ἽΩραι,
 βάρδιται μακάρων ἽΩραι φίλαι· ἀλλὰ ποθεῖναι

Parecem vivas, não tecidas. Que coisa habilidosa é o ser humano!
 E o próprio, como está maravilhoso a reclinar-se
 85 no leito prateado, com a primeira penugem descendo pelo rosto,
 Adónis três vezes amado, até no Aqueronte amado!

OUTRO ESTRANHO

Calai-vos, suas chatas, com essa tagarelice interminável,
 galinhas! Darão cabo da gente com essas vogais abertas.

PRAXÍNOA

Eh lá, donde veio o homem? Se somos tagarelas, isso é contigo?
 90 Vai dar ordens onde és tu a mandar. Estás a dar ordens a siracusanas!
 Para que fiques a saber, somos de ascendência coríntia,
 tal como Belerofonte. Falamos com sotaque do Peloponeso:
 falar dórico, acho eu, é permitido aos dórios, não?
 Que não haja, ó deusa das abelhas², quem tenha poder sobre nós,
 95 além do único. Vou ignorar-te. Não me aborreças.

GORGO

Cala-te, Praxínoa! A filha da argiva está prestes
 a cantar o Adónis, cantora excelente,
 que se destacou o ano passado no lamento.
 Sei bem que ela cantará uma coisa linda. Já está a pigarrear.

CANTORA

100 Senhora, que Golgos e Idálio amaste,
 assim como a íngreme Érice, Afrodite que brincas com o ouro!
 Vê como depois de doze meses as Horas de pés delicados trouxeram
 Adónis do Aqueronte que flui para sempre,
 as Horas queridas, mais tardias dos bem-aventurados. Mas desejadas

- 105 ἔρχονται πάντεςσι βροτοῖς αἰεὶ τι φέροισαι.
 Κύπρι Διωναία, τὸ μὲν ἀθανάταν ἀπὸ θνατᾶς,
 ἀνθρώπων ὡς μῦθος, ἐποίησας Βερενίκαν,
 ἀμβροσίαν ἐς ἐτήθος ἀποστάξασα γυναικός·
 τὴν δὲ χαριζομένα, πολυώνυμε καὶ πολύναε,
 110 ἅ Βερενικεῖα θυγάτηρ Ἑλένας εἰκυῖα
 Ἀρσινόα πάντεςσι καλοῖς ἀτιτάλλει Ἄδωνιν.
 πᾶρ μὲν οἱ ὠρία κεῖται, ὅσα δρυὸς ἄκρα φέροντι,
 πᾶρ δ' ἀπαλοὶ κᾶποι πεφυλαγμένοι ἐν ταλαρίσκοις
 ἀργυρέοις, Κυρίῳ δὲ μύρω χρῦσει' ἀλάβαστρα,
 115 εἶδατά θ' ὅσσα γυναῖκες ἐπὶ πλαθάνῳ πονέονται
 ἄνθεα μίσγοισι λευκῶι παντοῖα μαλεύρωι,
 ὅσσα τ' ἀπὸ γλυκερῶ μέλιτος τά τ' ἐν ὑγρῶι ἐλαίωι.
 πάντ' αὐτῶι πετεηνὰ καὶ ἔρπετὰ τεῖδε πάρεστι·
 χλωραὶ δὲ σκιάδες μαλακῶι βριθοῖσαι ἀνήθωι
 120 δέδμανθ'· οἱ δὲ τε κῶροι ὑπερπωτῶνται Ἑρωτες,
 οἰοὶ ἀηδονιδῆες ἀεζομενᾶν ἐπὶ δένδρωι
 πωτῶνται πτερύγων πειρώμενοι ὄζον ἀπ' ὄζω.
 ὦ ἔβενος, ὦ χρυσοῦς, ὦ ἐκ λευκῶ ἐλέφαντος
 αἰετοὶ οἰνοχόον Κρονίδαι Διὶ παῖδα φέροντες,
 125 πορφύρεοι δὲ τάπητες ἄνω μαλακώτεροι ὕπνω·
 ἅ Μίλατος ἐρεῖ χῶ τᾶν Σαμίαν καταβόσκων·
 ἔστρωται κλίνα τῶδῶνιδι τῶι καλῶι ἄμμιν.
 τὸν μὲν Κύπρις ἔχει, τὸν δ' ὁ ῥοδόπαχυς Ἄδωνις.
 ὀκτωκαιδεκετῆς ἢ ἑννεακαίδεχ' ὁ γαμβρός·
 130 οὐ κεντεῖ τὸ φίλημ'· ἔτι οἱ περὶ χεῖλεα πυρρά·
 νῦν μὲν Κύπρις ἔχοισα τὸν αὐτᾶς χαιρέτω ἄνδρα·
 ἄωθεν δ' ἄμμες νιν ἅμα δρόσῳ ἀθρόαι ἔξω
 οἰσεῦμες ποτὶ κύματ' ἐπ' αἰὸνι πτόνonta,
 λύσασαι δὲ κόμαν καὶ ἐπὶ σφυρὰ κόλπον ἀνεῖσαι

- 105 chegam, sempre trazendo algo para todos os mortais.
 Cípris Dioneia, a partir de mortal fizeste imortal
 Berenice (segundo o dizer dos homens),
 destilando ambrósia no peito de mulher.
 E agradando-te, ó tu de muitos nomes e de muitos templos,
 110 a filha de Berenice, semelhante a Helena,
 Arsínoe, mima Adónis com todas as coisas belas.
 Junto dele jazem os frutos da estação, que os cimos das árvores produzem;
 junto dele estão delicados jardins guardados em cestinhos
 de prata; e vasos dourados de perfume sírio;
 115 e tantos bolos quantos as mulheres fazem na tábua de amassar,
 misturando flores³ de toda a espécie com a branca farinha,
 e quantos são feitos com mel doce e azeite macio.
 Junto dele estão todas as criaturas que voam e rastejam.
 E verdejantes pérgulas, carregadas de delicado endro,
 120 foram feitas. E por cima voam os meninos Amores;
 como pequenos rouxinóis, experimentando as asas nascentes,
 voam na árvore de ramo em ramo.
 Ó ébano, ó ouro, ó águias de branco marfim,
 levando para Zeus Crónida o rapaz como escanção!
 125 E por cima coberturas de púrpura, mais macias do que o sono!
 Mileto dirá — e quem apascenta <os rebanhos de> Samos —:
 «São nossas as coberturas para a cama do belo Adónis.»
 Cípris segura-o; e Adónis dos róseos braços segura-a.
 O noivo tem dezoito ou dezanove anos.
 130 O beijo dele não pica; ainda tem um buço ruivo à volta dos lábios.
 E agora um adeus a Cípris, que tem o homem dela.
 Nós, de madrugada com o orvalho, juntas para fora
 o levaremos para as ondas que rebentam na praia;
 soltando os cabelos, com a saia até aos tornozelos⁵,

- 135 στήθεσι φαινομένοις λιγυρᾶς ἀρξεύμεθ' αἰοιδᾶς.
 ἔρπει, ὦ φίλ' Ἄδωνι, καὶ ἐνθάδε κῆς Ἀχέροντα
 ἡμιθέων, ὡς φαντί, μονώτατος. οὐτ' Ἀγαμέμνων
 τοῦθ' ἔπαθ' οὐτ' Αἴας ὁ μέγας, βαρυμάνιος ἦρωσ,
 οὔθ' Ἔκτωρ, Ἐκάβας ὁ γεραίτατος εἴκατι παίδων,
 140 οὐ Πατροκλῆς, οὐ Πύρρος ἀπὸ Τροίας ἐπανεσθών,
 οὔθ' οἱ ἔτι πρότεροι Λαπίθαι καὶ Δευκαλίωνες,
 οὐ Πελοπηιάδαι τε καὶ Ἄργεος ἄκρα Πελασγοί.
 Ἴλαος, ὦ φίλ' Ἄδωνι, καὶ ἐς νέωτ'· εὐθυμύσαις
 καὶ νῦν ἦνθες, Ἄδωνι, καὶ ὄκκ' ἀφίκηι φίλος ἡξεί.

ΓΟΡΓΩ

- 145 Πραξινοά, τὸ χρῆμα σοφώτατον ἀθήλεια.
 ὀλβία ὄσσα ἴσατι, πανολβία ὡς γλυκὴ φωνεῖ.
 ὦρα ὁμως κῆς οἴκον. ἀνάριστος Διοκλείδας.
 χώνηρ ὄξος ἅπαν, πεινᾶντι δὲ μηδὲ ποτένθησι.
 χαῖρε, Ἄδων ἀγαπατέ, καὶ ἐς χαιρόντας ἀφικνεῖ.

- 135 de peitos desnudados começaremos o canto agudo.
 Vens, ó querido Adónis, para aqui e para o Aqueronte,
 o único, segundo dizem, dentre os semideuses. Nem Agamémnon
 teve esta experiência, nem o grande Ajax, herói louco;
 nem Heitor, o mais velho dos vinte filhos de Hécuba;
 140 nem Pátroclo; nem Pirro quando veio de Troia;
 nem os anteriores Lápitais e Deucaliões;
 nem os Pelópidas e os Pelasgos, senhores de Argos.
 Favorável, ó querido Adónis, regressa para o ano. Agora,
 Adónis, vens para mulheres contentes; e quando voltares, virás amado.

GORGÓ

- 145 Praxínoa, que coisa mais habilidosa esta mulher!
 Feliz por saber tanto, felicíssima por cantar tão docemente!
 Mas está na hora de ir para casa. Diocledes não jantou.
 E o homem é todo vinagre — com fome nem te chegues ao pé dele.
 Adeus, amado Adónis! E volta para as que se alegram contigo!

- 16 Édipo.
 17 Terão.
 18 Mémnnon.
 19 Castor e Pólux, irmãos de Helena, os chamados Dioscuros.
 20 Terão.
 21 Hércules.
 22 Ártemis.
 23 Clá a que pertencia Terão.
 24 Um dos Argonautas.
 25 Hagésias.
 26 Adrasto.
 27 Condutor do carro das mulas.
 28 Pítana, a ninfa que deu o nome à cidade.
 29 O nome Íamo sugere a palavra grega para «violeta», assim como a palavra para «veneno».
 30 Segundo o escólio, Eneias seria quem ensaiava o coro.
 31 Antepassado de Diágoras.
 32 Irmão de Alcimedonte, destinatário da ode.
 33 Quarta geração essa representada por Neoptólemo, bisneto de Éaco e filho de Aquiles.
 34 Treinador de Alcimedonte.
 35 Clá de Egina a que pertencia Alcimedonte.
 36 Pai de Alcimedonte. Calímaco, ao que parece, seria o tio.
 37 Opunte.
 38 Pátroclo.
 39 Parente de Efarmosto, que venceu nos Jogos Ístmicos no mesmo dia.
 40 O prêmio neste festival da Acaia era uma capa.
 41 Trata-se do Ájax referido na *Iliada* como filho de Oileu.
 42 Treinador de Hagesidamo.
 43 Nome do recinto de Zeus em Olímpia.
 44 Fonte de Tebas, cidade de Pindaro.
 45 Rei primitivo de Corinto.
 46 Seguem-se as invenções mais notórias dos coríntios: o ditirambo (entoado em ocasiões em que bois eram sacrificados e cujo prêmio seria um boi); o equipamento da equitação; a decoração em forma de asa de águia nos templos.
 47 Corrida em que, atingida a meta, se corria de novo para o ponto de partida.
 48 Jogos celebrados em Corinto, em honra de Atena.
 49 Pteodoro era pai de Tessalo (portanto, avô do destinatário da ode); Térpsias era tio de Tessalo (tio-avô do destinatário); Eritimo era filho de Térpsias (e tio do destinatário).
 50 Corinto, onde havia uma fonte desse nome.
 51 Poliido, mencionado na *Iliada* (13.663).
 52 Clá a que pertencia Xenofonte.
 53 Trata-se da moderna cidade de Catânia, refundada por Hierão em 476 a.C. com o nome de Etna.

- 54 Filho de Hierão.
 55 Filho de Hércules.
 56 Rio da cidade de Etna.
 57 Este Deinómenes é pai de Gélon e Hierão.

CALÍMACO

¹ A «velha interminável» aludiria talvez ao poema *Bítis*, do poeta helenístico Filetas, ao passo que a «trigosa Tesmofória» seria o poema *Deméter*, do mesmo poeta. No verso seguinte, a «mulher grande» será a *Nano* de Mimnermo. Nos três casos, são poemas que não chegaram até nós.

² O nome «Zefirítis» refere-se a um promontório, entre Alexandria e uma das bocas do Nilo, onde havia um templo dedicado ao culto de Afrodite e de Arsínoe (esta última foi rainha do Egito; morreu em 270 a.C.). O poema diz-nos que a concha terá sido dedicada a Afrodite e Arsínoe por uma mulher chamada Seleneia, filha de Clínia, numa viagem que empreendeu de Esmirna para Alexandria. Pelo que percebemos do poema, a concha foi obtida em Íulide, na ilha de Céos.

³ À alusão ao alcione poderá subjazer a crença antiga de que esta ave marinha punha os ovos no «ninho» do náutilo, mas os versos são de interpretação incerta (cf. H.W. Prescott, «Callimachus' Epigram on the Nautilus», *Classical Philology* 16 [1921], p. 333).

⁴ Este epigrama em que Calímaco saúda a publicação do poema astronómico de Arato (*Fenómenos*) é, na aparência, de uma simplicidade desarmante. O seu texto levanta, no entanto, vários problemas insolúveis, desde o indicativo (no lugar do conjuntivo dependente de *ὀκνέω μίη*) sem paralelo na literatura grega do v. 3 às duas palavras finais, que aparecem de diversas maneiras nas várias edições. Ver A.S.F. Gow & D.L. Page, *The Greek Anthology: Hellenistic Epigrams*, Cambridge, 1965, Vol. II, pp. 208-209.

⁵ Segundo Wilamowitz, este «último dos poetas» (no sentido de «o mais inultrapassável dos poetas») seria Homero; assim sendo, Calímaco estaria a elogiar Arato por ter escolhido seguir Hesíodo em vez de Homero (*Hellenistische Dichtung in der Zeit des Kallimachos*, Berlin, 1924, Vol. I, p. 206).

⁶ Arato (nascido em Solos [em grego, *Cóλοι*], na Cilícia, a pouco mais de dez quilómetros da atual cidade turca de Mesin).

TEÓCRITO

¹ Entre as muitas características deliciosas deste poema (que mistura pseudocoloquialismo com requinte máximo), podemos destacar a maneira como, no diálogo das amigas, uma vai complementando o hexâmetro dactílico da outra.

² Perséfone. O vocativo *Μελιτῶδες* é de interpretação incerta (cf. A.S.F. Gow, *Theocritus*, Cambridge, 1965, Vol. II, p. 291).

³ Talvez no sentido de «cores».

⁴ Ganimedes.

⁵ À letra, «atirando a cintura até aos tornozelos».

- VENDRUSCOLO, F., «La delicioza acqua di Tebe: Pind. Ol. 6, 82-87», *Eikasmos* 5 (1994), pp. 53-63.
- VERDENIUS, W.J., «Pindar's Seventh Olympian Ode. Supplementary Comments», *Mnemosyne* 19,3 (1976), pp. 243-253.
- «Pindar's Fourteenth Olympian Ode. A Commentary», *Mnemosyne* 32, 1-2 (1979), pp. 12-38.
- *Commentaries on Pindar, I: Olympian Odes 3, 7, 12, 14*, Leiden, 1987.
- *Commentaries on Pindar, II: Olympian odes 1, 10, 11, Nemean 11, Isthmian 2*, Leiden, 1988.
- «Pindar, O. 2, 83-86», *Mnemosyne* 42 (1989), pp. 79-82.
- VIANA, M.M., *Leituras de Píndaro: Natureza e Arte*, Faro, 2006 (diss. de doutoramento).
- VILLARRUBIA, A., «La Victoria de Hagesias de Siracusa y la Olimpica 6 de Píndaro», *Habis* 26 (1995), pp. 13-28.
- VISSICCHIO, S., «Le metafore pindariche relative ad ambiti musicali», *Rudiae* 9 (1997), pp. 281-306.
- WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U. VON, *Pindaros*, Berlin, 1922.
- YOUNG, D.C., *Three Odes of Pindar: A Literary Study of Pythian 11, Pythian 3 and Olympian 7*, Leiden, 1968.

Calímaco:

- ACOSTA-HUGHES, B., *Brill's Companion to Callimachus*, Leiden, 2011.
- *Callimachus in Context*, Cambridge, 2012.
- BING, P., *The Well-Read Muse: Present and Past in Callimachus and the Hellenistic Poets*, Göttingen, 1988.
- CAMERON, A., *Callimachus and His Critics*, Princeton, 1995.
- HARDER, A., *Callimachus, Aetia*, Oxford, 2012 (2 vols).
- KERKHECKER, A., *Callimachus' Book of Iambi*, Oxford, 1999.
- HOLLIS, A., *Callimachus, Hecale*, Oxford, 2009.
- HUNTER, R., *The Shadow of Callimachus: Studies in the Reception of Hellenistic Poetry at Rome*, Cambridge, 2006.

Teócrito:

- ARNOTT, W.G., «The Mound of Brasilas in Theocritus' Seventh Idyll», *Quaderni Urbinate di Cultura Classica* 3 (1979), pp. 99-105.

- «Lycidas and Double Perspectives», *Estudios Clásicos* 26 (1984), pp. 333-346.
- BERGER, H. JR., «The Origins of Bucolic Representation: Disenchantment and Revision in Theocritus' Seventh Idyll», *Classical Antiquity* 3 (1984), pp. 1-39.
- BOWIE, E.L., «Theocritus' Seventh Idyll, Philetas and Longus», *Classical Quarterly* 35 (1985), pp. 67-91.
- BROWN, E.L., «The Lycidas of Theocritus' Idyll 7», *Harvard Studies in Classical Philology* 85 (1981), pp. 59-100.
- CAIRNS, F., «Theocritus' First Idyll: The Literary Programme», *Wiener Studien* 18 (1984), pp. 89-113.
- CRANE, G., «The Laughter of Aphrodite in Theocritus, Idyll 1», *Harvard Studies in Classical Philology* 91 (1987), pp. 161-184.
- CRAVO, C., *Magia Erótica e Arte Poética no Idílio 2 de Teócrito*, Coimbra, 2008 (diss. de doutoramento).
- DOVER, K.J., *Theocritus: Select Poems*, Basingstoke, 1971.
- ERBSE, H., «Dichtkunst und Medizin in Theokrits 11. Idyll», *Museum Helveticum* 22 (1965), pp. 232-236.
- FURUSAWA, Y., *Eros und Seelenruhe in den Thalysien Theokrits*, Würzburg, 1980.
- GIANGRANDE, G., «Théocrite, Simichidas et les Thalysies», *Antiquité Classique* 37 (1968), pp. 491-533.
- GUTZWILLER, K.J., *Theocritus' Pastoral Analogies: The Formation of a Genre*, Madison (Wisconsin), 1991.
- HUNTER, R., *Theocritus and the Archaeology of Greek Poetry*, Cambridge, 1996.
- *Theocritus: A Selection*, Cambridge, 1999.
- LOHSE, G., «Die Kunstauffassung im VII. Idyll Theokrits und das Programm des Kallimachos», *Hermes* 94 (1966), pp. 413-425.
- PUELMA, M., «Die Dichterbegegnung in Theokrits Thalysien», *Museum Helveticum* 17 (1960), pp. 144-164.
- SCHMIDT, E.A., «Die Leiden des verliebten Daphnis», *Hermes* 96 (1968), pp. 539-552.
- SCHWINGE, E.-R., «Theokrits Dichterweihe (Id. 7)», *Philologus* 118 (1974), pp. 40-58.
- SIMÕES RODRIGUES, N., *Traduções Portuguesas de Teócrito*, Lisboa, 2000.